



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**STEFANE FEITOSA CARVALHO BISPO**

**MULHERES EM LUTA:  
NEGA MAZÉ E A UNIÃO DAS MULHERES PIAUIENSES-NÚCLEO DE PICOS  
(1983-2017)**

PICOS-PI  
2017

STEFANE FEITOSA CARVALHO BISPO

**MULHERES EM LUTA:  
NEGA MAZÉ E A UNIÃO DAS MULHERES PIAUIENSES-NÚCLEO DE PICOS  
(1983-2017)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Profa. Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

PICOS-PI

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**

**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**B622m** Bispo, Stefane Feitosa Carvalho

Mulheres em luta: nega Mazé e a união das mulheres piauienses-núcleo de Picos (1983-2017) / Stefane Feitosa Carvalho Bispo. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (90 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)-  
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira

1. Mulheres-Militância.      2. Mulher-Picos-PI.      3. Mulheres  
Piauiense. I. Título.

**CDD 981.22**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos treze (13) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Stefany Feitosa Carvalho Bispo** sob o título **Mulheres em luta: Nega Mazé e a União das Mulheres Piauienses-núcleo de Picos (1983-2017)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Examinador 1: Prof. Es. Samairkon Silva de Oliveira Alves

Examinador 2: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI), 13 de Julho de 2017

Orientador (a): Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Examinador (a) 1: Samairkon Silva de Oliveira Alves

Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

STEFANE FEITOSA CARVALHO BISPO

**MULHERES EM LUTA:**

**Nega Mazé e a União das Mulheres Piauienses-núcleo de Picos  
(1983-2017)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa Ma. Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira  
Orientadora

---

Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Examinador Interno

---

Profa. Esp. Samairkon Silva de Oliveira Alves  
Examinador Externo

*Para registro, feminismo, por definição é a crença de que homens e mulheres devem ter oportunidades e direitos iguais. É a teoria da igualdade política, econômica e social entre os sexos.*

Emma Watson

## AGRADECIMENTOS

Com a chegada da reta final do curso acadêmico, não poderia deixar de agradecer às pessoas que me ajudaram e me incentivaram a chegar até aqui.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado paciência e por ter me ajudado a perseverar pensando sempre no lado bom da vida, me abençoando e me protegendo de todo o mal.

Aos meus pais, Claudionor e Tania, por não medirem esforços em prol da minha educação. Sou eternamente grata pelo carinho, amizade, dedicação, afeto, sabedoria, confiança e apoio nos momentos difíceis. Tenho um amor imenso por vocês.

Ao meu esposo James por todo o carinho, amor, dedicação, troca de horários no trabalho, para juntos nos dedicarmos aos nossos cursos. Agradeço imensamente por toda paciência e incentivo. Ao meu amorzinho Mateus, filho amado, por ter me dado alegria e por me acompanhar nas aulas acadêmicas, sempre cuidando e querendo estar presente ao meu lado.

Ao meu irmão, Stâney, por ser o meu grande amigo, tanto na vida acadêmica quanto na vida familiar. À minha cunhada Luiza Alexandra e minha sobrinha Lis. Amo muito todos vocês!

À minha orientadora professora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira, por ter me ajudado bastante e por construir comigo nossos conhecimentos. Muito obrigada!

À professora Mona Ayala Saraiva da Silveira, por ter me cedido um livro que me ajudou a pensar este trabalho, o livro *Nova História das Mulheres*. Agradeço muito à disponibilidade.

Ao professor Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, também examinador da banca por toda ajuda dada na qualificação do meu TCC I.

As amigas de curso, por estarem sempre presentes nos momentos mais difíceis da caminhada acadêmica. Agradeço pelos momentos de risos e descontrações, momentos de reflexão sobre a vida, pois fizeram desta árdua caminhada, muito mais prazerosa do que ela poderia ser.

À Nega Mazé, pela cordialidade e por me dar o prazer de poder compartilhar de suas lembranças, chave principal da minha pesquisa. Por ceder também arquivos e imagens para a construção do trabalho.

Ao chegar ao fim dessa longa caminhada, gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

## RESUMO

O trabalho aqui presente tem como peça chave analisar como se desenvolveu o movimento de mulheres em Picos-PI, tomando como percurso experiências vivenciadas pela Maria José Alves do Nascimento (Nega Mazé), uma das pioneiras na luta pelos direitos da mulher na cidade de Picos, desde início dos anos 1980 aos dias atuais. Procuramos analisar quais os padrões que giravam em torno do feminino, num contexto social, político e cultural marcado pelo machismo, assim como, analisar quais as formas de enfrentamento das violências sofridas pelas mulheres. Utilizamos como fontes a entrevista com Nega Mazé, através do método-técnica da História Oral discutido por Sônia Maria de Freitas, bem como fotografias disponíveis no arquivo do acervo particular da entrevistada e além da consulta ao do *Jornal Total Informativo*, e arquivos encontrados na página da internet do movimento. O viés teórico encontra abrigo nas perspectivas de História das Mulheres e das Relações de Gênero, sob a perspectiva de Raquel Soihet e Joana Maria Pedro e intercambiando com a História e Memória, no sentido de compreender as expectativas de mulheres picoenses e como foram se delineando os direitos e questionamentos sociais femininos com os avanços da modernidade.

**Palavras-chaves:** Mulheres. Luta. Militância. Picos-PI.

## **ABSTRACT**

The present work has as a key part to analyze how the women's movement in Picos-PI developed, taking as a route experiences experienced by Maria José Alves do Nascimento (Nega Mazé), one of the pioneers in the fight for women's rights in the city of Picos From the early 1980s to the present day. We sought to analyze the patterns that revolved around the feminine, in a social, political and cultural context marked by machismo, as well as to analyze which forms of coping with the violence suffered by women. We used as sources the interview with Nega Mazé through the method-technique of Oral History discussed by Sônia Maria de Freitas, as well as photographs available in the archive of the private collection of the interviewee and in addition to the query to the Journal total informative, and files found on the page Internet of the movement. Theoretical bias finds shelter in the perspectives of Women's History and Gender Relations, from the perspective of Raquel Soihet and Joana Maria Pedro and interchanging with History and Memory, in order to understand the expectations of Pekingese women and how the Rights and social questions with the advances of modernity.

Keywords: Women. Fight. Militancy. Picos-PI.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CDM**- Coordenadoria dos Direitos das Mulheres

**UMP** – União das Mulheres no Piauí

**DEAMs**- Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres

**GAMVV**- Grupo de Apoio as Mulheres Vítima de Violência

**CNJ** - Conselho Nacional da Justiça

**DSTs** – Doenças Sexualmente Transmissíveis

**ONGs** – Organizações Não Governamentais

**PT**- Partido dos Trabalhadores

**FDPF**- Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

**NAWSA**- Nacional American Woman's Suffrage Association

**RECID** - Rede de Educação Cidadã

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01: Recebendo o título de cidadã picoense.....</b>	<b>64</b>
<b>Imagem 02: Logotipo da UMP – núcleo Picos-PI.....</b>	<b>66</b>
<b>Imagem 03: Mazé no comício apoio à candidatura de Oneide Rocha.....</b>	<b>67</b>
<b>Imagem 04: Em participação de atividades políticas.....</b>	<b>69</b>
<b>Imagem 05: Entrevista para o <i>Jornal Total Informativo</i>, 6 de junho de 2008.....</b>	<b>70</b>
<b>Imagem 06: UMP- Picos visita a delegacia da mulher.....</b>	<b>73</b>
<b>Imagem 07: Convite posse de Nega Mazé na CDM.....</b>	<b>74</b>
<b>Imagem 08: Adesivos GAMVV.....</b>	<b>75</b>
<b>Imagem 09: Banner sobre violência doméstica.....</b>	<b>78</b>
<b>Imagem 10: Encontro de formação política com os jovens de Itainópolis, UMP Recid.....</b>	<b>79</b>
<b>Imagem 11: Orientação sobre sexo sem consentimento.....</b>	<b>80</b>
<b>Imagem 12: Saúde da Mulher.....</b>	<b>81</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 O MOVIMENTO FEMINISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA .....</b>	<b>26</b>
1.1 O surgimento dos movimentos das mulheres da primeira onda.....	26
1.2 O surgimento dos movimentos das mulheres da segunda onda.....	37
1.3 O surgimento dos movimentos das mulheres da terceira onda.....	46
<b>2 SÉCULO XX E A DESCONSTRUÇÃO DA ATUAÇÃO DA MULHER NO MEIO PÚBLICO E PRIVADO: mulheres picoenses e seu lugar na História .....</b>	<b>49</b>
2.1 A vida para uma mulher.....	50
2.2 MULHER NEGRA E MILITANTE.....	55
<b>3. “ISSO SE CHAMA MOVIMENTO PORQUE NÃO PARA”: O MOVIMENTO DAS MULHERES EM PICOS .....</b>	<b>60</b>
3.1 “A gente se reunia pelas insatisfações”: os começos da luta articulada em Picos	61
3.2 “Só em elas terem o direito de estudar e ao trabalho”: União das Mulheres Piauienses suas conquistas .....	67
3.2.1 Os avanços nas Políticas Públicas a partir dos anos 2000 .....	73
3.2.2 A conscientização em rede e o enfrentamento à violência contra a mulher	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir terá destaque sobre ser negra, mulher e militante, acentuando as “Mulheres em luta: Nega Mazé e a União das Mulheres Piauienses-núcleo de Picos (1983-2017), que nos remete a entender as lutas das mulheres negras e de classe baixa, diante da sociedade picoense.

Esse recorte foi escolhido por ser o ponto de partida do nosso referencial de vivência e lutas, que é a senhora Maria José, conhecida como Nega Mazé, que vai em busca dos direitos sociais da mulher. Um tema bastante pertinente porque quando se fala em mulher, o que é disseminado pelo senso comum é que o homem sabe mais que a mulher, são mais fortes, tanto na força física propriamente, como na capacidade intelectual, e mulheres como a Nega Mazé lutam incansavelmente por mais espaços para as mulheres não só no campo intelectual, mas também político, na busca por seus direitos, mostrando que muitas vezes, o que falta é apenas oportunidade de se deixar aparecer e/ou mostrar sua força.

Para tanto pensamos o conceito de experiência presente na obra de E. P. Thompson que serviu para observar a consciência de classe presente nas vivências da Nega Mazé. De acordo com Muller<sup>1</sup> Thompson irá argumentar que o conceito de experiência histórica serviria para que os historiadores percebessem que não é possível pensar determinada classe social separada da outra, ou propor graus de importância e autenticidade entre elas. O processo de autoformação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistadas e apreendidas por homens e mulheres concretas.

As experiências históricas e suas articulações seriam inevitáveis e contínuas. Teriam a função de exercer pressão sobre a consciência social, determinando a construção de materiais humanos conscientes de seus papéis na sociedade de classes. Por esse prisma, Thompson apud Muller<sup>2</sup> acrescenta, que do ponto de vista empírico é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas.

---

<sup>1</sup>MÜLLER, Ricardo Gaspar. Razão e Utopia: Thompson e a História. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História Social, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

<sup>2</sup>MÜLLER, Ricardo Gaspar. Razão e Utopia: Thompson e a História. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História Social, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

Neste estudo, buscamos atentar para as vivências femininas impulsionadas pelas condições de opressão implantadas e instaladas com a ditadura civil-militar no Brasil, em 1964, como sendo uma contrapartida para a segunda onda feminista de meados do século XX. Este movimento foi desencadeado por lideranças feministas de classe média: mulheres intelectualizadas, críticas de literatura e psicanalíticas, quase todas elas com formação universitária.

Nesse sentido, como aponta Céli Regina Pinto:

Desde suas primeiras manifestações no Brasil, ainda no fim do século XIX, o movimento feminista foi caracterizado por reunir mulheres intelectuais que se manifestavam por meio de jornais, palestras, romances e peças de teatro. A segunda fase do movimento, a partir da década de 1970, não foi diferente, tanto aqui como nos países europeus e nos Estados Unidos. Como já vimos, o movimento feminista não é um movimento popular, nem no sentido de classe nem no sentido de seu raio de ação. A chegada até as camadas populares ocorre ao longo de sua história como uma escolha política estratégica, e não como decorrência natural de seu desenvolvimento. De forma distinta, ocorreu com muita facilidade a aproximação do feminismo com o mundo da cultura erudita, mas especificamente com a universidade. Um número significativo entre as mulheres que começaram a reunir-se nos primeiros anos da década de 1970 era de professoras universitárias e profissionais liberais, em sua maioria ligada às áreas de ciências sociais, história, letras, psicologia e direito. É muito raro encontrar mulheres ligadas às áreas das ciências exatas entre as feministas<sup>3</sup>.

Como nos sugere Pinto, antes de qualquer coisa, o movimento feminista nasceu como um movimento de uma classe de mulheres de elite, intelectualizadas e abertas às questões mais complexas e preocupadas com as mudanças políticas importantes da sociedade moderna. Fundamentalmente, o movimento feminista no Brasil surgiu no seio de uma intelectualidade voltada para preocupações de cunho humanista, onde as discussões antropocêntricas estavam mais acesas e até mesmo eram mais frequentes entre as mulheres do campo das ciências humanas do que entre as mulheres de ciências exatas. Sem dúvida, a natureza de surgimento do movimento tinha estreita ligação com o momento político efusivo pelo qual passava o Brasil na década de 70.

Embora na cidade interiorana picoense seja complicado associar o movimento feminista que acontecia em várias partes do Brasil às mulheres consideradas da

---

<sup>3</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

elite na cidade, é possível pontuar o diferencial de algumas mulheres da cidade de Picos-PI entre fins da década de 1970 e início de 1980: mulheres pobres iniciando um processo de luta em Picos que permanece até os dias atuais. Não podemos considerar aquele início como um movimento feminista – até porque elas não se viam dessa forma –, um movimento político-social tal qual os que aconteciam em algumas partes do Brasil, sobretudo nos grandes centros, mas não deixamos de perceber que os incômodos gerados nessas mulheres naquelas décadas eram decorrente dos desdobramentos de lutas mais incisivas e questionamentos de espaços dos movimentos feministas que já se articulavam desde décadas anteriores.

Dessa forma, tomando os devidos cuidados elencados por Pierre Bourdieu<sup>4</sup> de não incorrer em uma ilusão biográfica, na qual a trajetória de vida do sujeito histórico aparece como uma narrativa linear e estável, esta pesquisa tem como objetivo analisar como se deram as lutas femininas na cidade de Picos, tomando como ponto de partida a trajetória de Maria José, conhecida como Nega Mazé, para entendermos sob quais perspectivas e possibilidades foi criado núcleo de Picos da União das Mulheres do Piauí – UMP, nas quais eram discutidas suas conquistas e dificuldades para se estabelecer e firmar numa sociedade interiorana que carregava no seio próprio seio o conservadorismo de modelos patriarcais. Por meio de sua trajetória, inconformada com a ordem patriarcal existente, remodelou sua vida, recriando suas expectativas com relação à vida profissional, à maternidade, ao exercício da política e ao casamento, oferecendo, portanto, uma leitura da sociedade de sua época, à luz dessas próprias histórias de vida.

Como a análise de uma história de vida e um sujeito pode contribuir para a compreensão de um momento histórico?

Devido ao estado de cerceamento de direitos políticos e civis no Brasil do início da década de 1960, provocando o surgimento de uma convulsão promovida por vários e multifacetados movimentos de contestação de esquerda, tornou-se um elemento preocupante entre as pautas do governo ditatorial, a formação de uma oposição aos governos militares.

---

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos e abusos da história *oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

De acordo com Raquel Soihet e Joana Maria Pedro em a emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero<sup>5</sup> é nesse contexto de opressão que começaram a surgir novas reivindicações dos movimentos de mulheres, chamados, nessa metade do século XX, de movimentos feministas. Mas o que as mulheres defendiam como proposta de lutas? É uma das inquietações centrais deste trabalho.

O movimento das mulheres possui uma trajetória de extrema importância para o desenvolvimento do ser mulher, ao estar relacionado com as lutas promovidas por aquelas mulheres que lutaram pelos direitos femininos e seu aprimoramento nas sociedades ocidentais. As várias facetas que tiveram os movimentos em defesa das mulheres no Brasil presavam por uma autocrítica, através de lutas por direito ao voto, direitos iguais para ambos os gêneros e um embasamento teórico para tratar das questões de iminente interesse das mulheres.

Diante das várias facetas dos movimentos em prol das mulheres e muito embora no Brasil as mulheres tenham conquistado o sufrágio feminino através do decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932 assinado pelo presidente Getúlio Vargas, e o direito ao voto e à candidatura na Constituição de 1946, a escolha do recorte temporal se deu por uma curiosidade de desvendar se houve luta de mulheres em Picos nos anos 1980 e se há atualmente, quais conquistas reivindicam e o que almejam. A década de 1980 tem a sua singularidade em Picos por ser o início de um movimento organizado de luta de mulheres na cidade que permanece até os dias atuais, com a contribuição da Nega Mazé no enfrentamento de questões relativas à cidadania, violência, saúde, educação.

Considerando que o movimento das mulheres no Ocidente contestava seu lugar social, lutando e protestando, o que veio a influenciar as mulheres brasileiras, respingando nas mulheres picoenses, a pergunta central desse trabalho é: como se deu a luta feminina no espaço picoense? Quais as demandas desse movimento? Quais as especificidades? Por isso, nosso interesse central com a pesquisa proposta é perceber como parte da trajetória de vida e luta dessas mulheres, entre as décadas de 1980 até os dias atuais, em Picos, permite a compreensão de questões como militância, vida profissional, casamento, a moral da época, a defesa

---

<sup>5</sup> SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300 – 2007.

dos direitos sociais e políticos da mulher, em seu embate com o posicionamento limitador do tradicionalismo patriarcal.

Tendo em vista esse quadro histórico é perceptível que ao ocupar os papéis política e militantes dos direitos femininos, Maria José Alves do Nascimento, natural da cidade de Oeiras-Pi, nascida em 03 de janeiro de 1944, empreendeu, por sua ótica, uma visão alternativa para vários assuntos da sociedade picoense do seu tempo.

O objetivo desse estudo está em perceber nuances da luta de mulheres em Picos como também, discutir a moralidade social em uma cidade no interior do Piauí; entender quais as reivindicações no curso da atuação de Nega Mazé, mulher, negra e militante em Picos.

Utilizamos também como aporte bibliográfico o livro *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência da autora Perrot*<sup>6</sup> explica que “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios” que frequentemente a imagem da mulher é apagada, seus vestígios e arquivos são destruídos. Também contamos com os estudos de Joana Maria Pedro<sup>7</sup> em artigo da *Revista História* onde trata da segunda onda feminista, trabalho no qual expõe e define as articulações entre o feminino e o feminismo, apontando os estereótipos construídos em torno desses dois conceitos.

Outros livros relacionados à mulher e à sexualidade como *O segundo sexo* de Beauvoir<sup>8</sup>, e *História da Sexualidade: a vontade de saber*<sup>9</sup> e *Microfísica do poder*<sup>10</sup>, do filósofo francês Michel Foucault, respectivamente serviu como base teórica.

Neste aspecto, as obras de Foucault são de grande utilidade para ajudar a pensar como Nega Mazé foi capaz de romper com o discurso normalizador, pois quando iniciou sua militância não tinha escolarização, era de família humilde e como ela mesma diz “negra”.

Nesse contexto histórico-social, uma cidade interiorana do Nordeste como Picos, assim como a maioria das cidades brasileiras dessa época, era dominada

---

<sup>6</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* [1976]. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>7</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v.24, n.1, 2005, p.77-98.

<sup>8</sup> BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber* [1976]. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

pelo patriarcalismo e pela moral burguesa nos ambientes públicos e privados. Nega Mazé é uma mulher que subverteu a ordem social na década 1980 até os dias atuais instigadas pelo seu próprio sentimento de inconformismo em relação à maneira como deviam se comportar.

Outro estudo que contribuiu para os debates conceituais de gênero, estimulando diversas pesquisas acadêmicas na atualidade foi o artigo da historiadora norte-americana Joan Scott<sup>11</sup>. Certamente uma das principais responsáveis por consagrar gênero, como uma categoria útil de análise histórica. Para sintetizar, no Brasil, esse corpo de reflexões fomentou vários trabalhos. Podemos destacar a coletânea de artigos História das Mulheres no Brasil, organizada por Mary Del Priore<sup>12</sup>, os debates de Maria Izilda Santos de Matos e Rachel Soihet<sup>13</sup>, *O corpo feminino em debate*, a respeito das variantes da sexualidade do corpo feminino.

Consultamos também a pesquisa de Margareth Rago, *Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global*<sup>14</sup>, publicado na *Revista de Estudos Feministas*, sobre a sexualidade feminina no período da ditadura civil-militar no Brasil; e as pesquisas dos piauienses, Pedro Vilarinho Castelo Branco em *Mulheres Plurais*<sup>15</sup> e Olívia Candeia Rocha Lima, na dissertação de mestrado *Lugares, saber e poder*<sup>16</sup>

Para entender melhor como as ondas feministas se desenvolveram utilizaremos as obra de Celia Regina Pinto<sup>17</sup> em *Uma história do feminismo no Brasil*; assim como da Joana Maria Pedro na sua pesquisa sobre *Corpo, prazer e trabalho*<sup>18</sup>; Rachel Soihet, *A conquista do espaço público*<sup>19</sup>; Bebel Nepomuceno

<sup>11</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v.15, n.2. jul/dez,1990.

<sup>12</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>13</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

<sup>14</sup> RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. *Labrys, Estudos Feministas*, número 3, janeiro/ julho 2003.

<sup>15</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

<sup>16</sup> LIMA, Olívia Candeia Rocha. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875 - 1950*. 2007. Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2007.

<sup>17</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>18</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. *Corpo, prazer e trabalho*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 250.

<sup>19</sup> SOIHET, Rachel. *A conquista do espaço público*. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

*Mulheres Negras: protagonismo ignorado*<sup>20</sup>. Dessa forma, nosso enquadramento teórico inclui estes autores e autoras, partindo dos debates entre história das mulheres, feminismo, memória e trajetórias de vida.

Como instrumento metodológico foi utilizado à história oral advinda de entrevistas, visando abranger as experiências e memórias “que fala mais do que eventos, fala sobre significados e seus impactos que eles tiveram na vida da entrevistada, o que da passagem à imaginação e ao simbolismo”<sup>21</sup>. Como dizia o autor, “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”<sup>22</sup>.

Fizemos uso do método-técnica da história oral, na perspectiva seguida por Sônia Maria de Freitas<sup>23</sup>, em *História oral: possibilidades e procedimentos*, para coleta e análise de entrevistas com Nega Mazé, pois esse livro traz novos procedimentos teóricos e metodológicos para pesquisas propondo uma reflexão mais aprofundada sobre a relação entre História Oral e Memória, assim recupera múltiplas trajetórias e expectativas condizentes com uma sociedade plural e democrática ao incorporar vozes e experiências que seriam ocultadas e negadas, produzindo assim novas fontes históricas, orientando políticas públicas, valorizando expressões culturais.

Sob muitos aspectos de ordem pessoal, principalmente, a entrevista oral e como também cartões postais, diários, fotos, jornais são modos de recuperar a memória social dos temas femininos que pretendemos estudar, como o trabalho, o casamento e a maternidade, pela via dos posicionamentos das entrevistadas, por pouco se ter de escritos sobre as mulheres da cidade de Picos.

Fizemos uma visita de reconhecimento ao acervo particular da Nega Mazé no qual ela nos forneceu entrevistas fornecidas ao Jornal Informativo Total na qual falava da sua atuação na militância em Picos e sua vida política.

---

<sup>20</sup> NEPOMUCENO, Bebel. *Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado*. In: PINSKY, Carla B. (Org.) *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora contexto, 2012, p. 397.

<sup>21</sup> PORTELLI apud ROSA, Helena. *Historia Oral e Micro história: aproximações, limites e possibilidades*. 2010, p. 10.

<sup>22</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

<sup>23</sup> FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

As fotografias são fontes históricas que vêm ganhando novo significado, para ajudar na análise dessas investigações e desses símbolos que dão sustentação ao passado e ao presente como afirma Paiva:

A iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas (...). São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas<sup>24</sup>.

Portanto, as informações presentes na imagem fotográfica, podem não necessariamente fornecer dados sobre Nega Mazé, mas documentam significativo período da história de Picos, que podem ajudar na compreensão de suas experiências, enquanto mulher de uma época, que não se conformava com a ordem social que lhes era imposta.

Percebe-se, enquanto críticas, que a chegada de um novo tempo, que para muitos autores, seria devido à cicatrização das exigências femininas, e com as buscas de suas perspectivas que até os dias atuais ainda não foram alcançadas, é que muitas mulheres, mesmo que fossem a luta por seus direitos, os costumes e experiências as tornavam vulneráveis as mudanças, por terem a vida doméstica e familiar atrelada ao papel da mulher. As ondas que serão ressaltadas mais adiante terá uma percepção de que dentro de uma onda havia várias vertentes para luta, mas poucas ganhavam força para seguirem adiante por as mulheres de frente.

Nesse sentido, no entendimento de Costa<sup>25</sup>:

Diferenciados por conjunturas, os feminismos, assim, são vistos, em geral, como irrupções em que, de repente, não mais que de repente, mulheres diversas se juntam, mostram-se “irmanadas” na agitação de “causas” ou motivações políticas que se avolumam e que avançam como onda. Esta, depois de atingir um ponto alto, desce, invadindo os mais variados territórios, em diversos tempos; em seguida, tudo parece dissipar-se. Diria que um maior rigor na produção do conhecimento dessas “causas”/motivações depende, sim, de pesquisa de fontes, mas sob uma leitura orientada por conceitos que admitam esses movimentos conjunturais como partes de um vasto tecido social, em grande medida, submersas, vindas de diferentes tempos históricos, trançadas entre si e que avançam

---

<sup>24</sup> PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2 ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autentica 2006. (p. 11-34).

<sup>25</sup> COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX) (2009). Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez, 2009. p. 01-29.

em infinitas combinações de “ramificações”, continuadas ou não, sinalizando movimentos e transformações de visões de mundo<sup>26</sup>.

O século XX, especificamente as décadas de 1950 e, nomeadamente de 1980, foram significativas para população brasileira de mulheres. Ainda em 1950 as mulheres eram herdeiras de ideias que nasceram para ser donas de casa, esposas e mães, e teriam que saber da importância atribuída ao casamento, mas isso veio se transformando e com as revoluções e lutas femininas de 1960, 1970, 1980 as mulheres buscavam mostrar que tinham competência não apenas para administrar o lar, mas para conquistar e construir novos valores sociais, morais e culturais.

A fase da história de lutas e conquistas femininas no decorrer do tempo levou a sociedade assegurar o direito à cidadania e equiparação entre os sexos que consistiu em diversas transformações políticas, civis e sociais numa sociedade patriarcal.

E como parte dessa metamorfose, podemos destacar Margareth Rago<sup>27</sup> onde ressalta a visibilidade da grande presença da mulher nas salas de aula, como pela produção acadêmica que vinha à tona com novos contornos e novas cores; que irão contornar o presente trabalho quando fazem um questionamento do que aconteceu com as mulheres no século XX, como elas formaram seus discursos teóricos feministas, militantes, e como elas conseguiram seus primeiros direitos sociais e civis, uma vez que muitos políticos homens alegavam que a mulher não deveria sair do seu espaço privado para manifestar pensamentos que fossem contra seu marido. Muito menos, deixar o seu trabalho do lar, para sair ao espaço público em busca de trabalho fora de casa, no setor educacional e/ou no mercado de trabalho convencional.

Na discussão trazida pelo pesquisador Pedro Vilarinho Castelo Branco<sup>28</sup>, a mulher, por seu lado, deveria respeitar as opiniões do marido, mais experiente e conhecedor das dificuldades da vida e das armadilhas da política. Esse discurso de

---

<sup>26</sup> COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX) (2009). Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez, 2009. p. 01-29.

<sup>27</sup> RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo. v.11. pp.89-98. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>>. Acesso em: 16 maio 2017.

<sup>28</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

obediência às opiniões masculinas era nítido nas conversas entre os homens no Piauí do início do século XX.

Os debates em torno da história das mulheres e das relações de gênero foram impulsionados por pesquisadoras norte-americanas como Joan W. Scott, e Margareth Rago. Segundo Rago<sup>29</sup>, [...]“o sucesso por todo o país repercutiu vigorosamente em nossas próprias praticas, facilitando a valorização do trabalho das intelectuais feministas, nem sempre bem vistas, como sabemos”, debates esses “que invadiram a sala de aula, a maternidade, as fazendeiras, empregadas domésticas, fogões e o campo de observação intelectual onde o mundo acadêmico ganhava novos contornos”, seus debates deixaram possíveis marcas também no Brasil com a volta de Bertha Lutz , como também nas cidades interioranas como em Picos.

A atuação da militância feminina era um abraço à causa e defesa dos direitos dessas. Assim como Bertha, outras militantes de todo o país ficaram conhecidas, como a militante Maria José mais conhecida como Nega Mazé, atuante como política, em primeira instância em Oeiras-Piauí, sua cidade natal, seguindo para a cidade de Picos, tornando-se uma atuante e efervescente liderança da militância feminina.

As mudanças chegaram abrangendo as moças de diversos segmentos sociais, interferindo no particular de cada uma. Mulheres essas que através de jornais, entrevistas e manifestações abarcaram o movimento e se engajaram na luta por direitos que também eram seus. Não foram todas que se identificaram com as ondas norte-americanas de reivindicação dos direitos da classe feminina, muitas delas não queriam percorrer os árduos caminhos das que lutavam por seus ideais, ou seja, por seus direitos políticos, sociais e civis, já que isso fatalmente a deixaria marcada pelo olhar reprovador da sociedade.

Mesmo sendo uma cidade interiorana, Picos teve seu aspecto modernizador devido às transformações no centro-sul do Piauí, principalmente, em virtude das culturas do alho, da cebola, do algodão, da carnaúba e um comércio que já era

---

<sup>29</sup> RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo. v.11. pp.89-98. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>>. Acesso em: 16 maio 2017.

bastante ativo, ficando a feira-livre de Picos conhecida em todo o Estado, como nos afirma Duarte<sup>30</sup>.

Na década de 1970, Picos já era uma das principais cidades do Piauí graças ao seu comércio de gêneros variados. Em termos políticos, os anos 1960 e 1970 foram os anos de maiores marcas no movimento feminista em nível nacional, devido à ditadura civil-militar. Foram anos difíceis e de muita luta da classe tanto para aquelas que se declaravam feministas em várias cidades do país como para aquelas que assim como a picoense Maria José atuava militando em nível micro político em prol de conquistas para a classe feminina.

É nesse contexto que o presente trabalho buscou fazer no seu primeiro capítulo uma análise das três ondas feministas de acordo com a classificação já utilizada por Pinto<sup>31</sup>, que ajudará a entender como essas que viveram em Picos foram influenciadas de alguma forma por essas reivindicações e compreender ainda as bandeiras levantadas na cidade de Picos para o reconhecimento dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das mulheres através do estudo da trajetória de vida de mulheres militantes que lutaram por seus direitos, como Maria José Alves do Nascimento na cidade de Picos.

É relevante pontuarmos que não enquadraremos a Maria José em nenhuma das ondas feministas, pois as experiências não acontecem da mesma forma e nem são vividas da mesma maneira em todos os espaços, há que se considerar o espaço social e assim através de suas peculiaridades de análise o fizemos.

É importante também considerarmos as dimensões e singularidades do movimento feminista na cidade interiorana picoense, pois ao contrario do que acontecia em várias partes do Brasil, eram mulheres pobres iniciando um processo de luta em Picos que embora não se possa declarar o início como um movimento feminista geravam incômodos por interpelar para um novo tipo de comportamento.

No segundo capítulo, situaremos as mulheres na História, a partir da trajetória de vida de Nega Mazé e no terceiro e último capítulo discutiremos o movimento das mulheres na cidade de Picos, os começos das lutas e os avanços conquistados na contemporaneidade, além de trazer as novas formas de conscientização que

---

<sup>30</sup> DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995.

<sup>31</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ocupam espaços tecnológicos como as páginas das redes sociais e que, alcançam, acreditamos, uma dimensão maior de mulheres.

## 1 O MOVIMENTO FEMINISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

O movimento das mulheres, era a luta das mulheres *versus* todas as formas de superioridade, opressão e discriminação que marcou profundamente o comportamento destas nos ambientes públicos e privados.

Nesse contexto, a mulher foi o personagem principal nos combates que reivindicavam seus direitos perante a sociedade. Suas lutas marcaram de maneira decisiva a história nos últimos séculos, situando sua atuação no processo de transformação vivido pela sociedade brasileira, já no final do século XIX. Contudo, ao longo dos anos uma diversidade de temas e reivindicações foram sendo inseridos no movimento, fazendo com que ele fosse percebido cada vez mais como um movimento plural.

Nesse capítulo, apresentaremos as ondas do feminismo apontadas na perspectiva adotada pelas pesquisadoras Céli Regina Pinto<sup>32</sup>, Joana Maria Pedro<sup>33</sup> e Raquel Soihet<sup>34</sup> e discutiremos as principais bandeiras de lutas que marcaram cada onda. O movimento feminista de primeira onda se caracterizou pelo ataque às diferenças discriminatórias e insustentáveis entre homens e mulheres; se aqueles podem trabalhar e participar da condução da vida política da comunidade, não há razão para que essas também não possam fazê-lo. A segunda onda, por sua vez, estaria centrada nas questões privadas e no corpo da mulher, com foco, portanto, nas diferenças relevantes entre os sexos. A terceira onda, recentíssima do ponto de vista histórico, reivindica não mais a diferença entre homens e mulheres, mas as diferenças entre as próprias mulheres.

### 1.1 O surgimento dos movimentos das mulheres da primeira onda

No Brasil o movimento de mulheres começou a ser ouvido no final do século XIX. No entanto, as mulheres, principalmente as de segmento médio da sociedade se sentiam bastante inconformadas em relação ao voto, entendendo-o como seu

---

<sup>32</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>33</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 250.

<sup>34</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

direito de ser cidadã brasileira. Outra discussão, falava-se que além do voto, as mulheres deveriam se igualar na política com os homens, ou seja, ter a liberdade de votar e ser votada, de estar em público, e assim como os homens, participar das decisões do meio político.

De acordo com Pinto<sup>35</sup> a primeira onda feminista começou entre o final do século XIX e início do século XX. Muitas mulheres se organizaram em associações no Brasil e tinham como principal meta a luta pelos seus direitos, sendo seu foco de reivindicação o voto. Essas mulheres ficaram conhecidas mundialmente como “as sufragistas”. Com sua fama, as sufragistas promoveram várias manifestações em Londres, na Inglaterra. Em várias de suas manifestações foram presas diversas vezes. Casos importantes para o processo do voto feminino vieram à tona embora fosse um assunto dado e rejeitado em 1891 nas assembleias constituintes o voto já fazia parte de uma organização desde muitos anos antes, não sendo um caso isolado em 1913 quando uma mulher, Emily Davison, entrou na frente de um cavalo de corrida em pleno torneio de corridas de cavalo. Sendo assim, em 1918 o Reino Unido garantiu o voto à mulher<sup>36</sup>.

No Brasil, as sufragistas tiveram grande influência na luta das mulheres pelo voto, influenciadas por Bertha Lutz, uma bióloga cientista, que estava em Londres durante a repressão às sufragistas. Veio para o Brasil em 1910 no intuito de lutar pelos mesmos ideais e juntamente com outras feministas fizeram um abaixo assinado em 1927, e entregaram para o senado, requerendo o direito ao voto feminino.

Bertha Lutz também foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FDFP<sup>37</sup>, juntamente com as orientações de Carrie Chapman presidente da Nacional American Woman’s Suffrage Association – NAWSA, que tinha como objetivos “coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de

---

<sup>35</sup> <sup>35</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>36</sup> <sup>36</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 29.

<sup>37</sup> A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi uma organização fundada em 9 de agosto de 1922 em prol dos direitos da mulher, principalmente por iniciativa da líder feminista brasileira Bertha Lutz, e sediada no Rio de Janeiro. Nacional American Woman’s Suffrage Association – NAWSA

e elevar-lhe o nível da cultura e torna-lhe mais eficiente a atividade social, quer na vida doméstica quer na vida pública, intelectual e política”<sup>38</sup>.

O direito ao voto feminino no Brasil foi adquirido anos depois, em 1932, pelo Novo Código Eleitoral Brasileiro, já no governo do presidente Getúlio Vargas<sup>39</sup>.

Pinto<sup>40</sup>, transcrevendo um trecho de documento da União das costureiras, chapeleiras e classes anexas do Rio de Janeiro, de 1920, as mulheres de classe baixa também se mostraram insatisfeitas com a diferença de gênero tanto na via doméstica quanto no trabalho. As costureiras, chapeleiras e classes baixas com ideias anarquistas em manifesto de 1917, proclamavam: “Se refletirdes um momento, vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes e vis”<sup>41</sup>. Essa transcrição reflete que a opressão do homem se dava tanto na esfera do lar quanto no mundo do trabalho.

A luta das mulheres no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, ficou sem força a partir de 1930, por terem a princípio limitações mais no campo político, e só passou a ter inspiração a partir da publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir<sup>42</sup>, publicado pela primeira vez em 1949, que estremeceu tanto a primeira onda como foi o aporte de uma segunda onda feminista a partir da década de 1960. Num dos pensamentos mais emblemáticos veiculados no livro a autora defende a ideia de que “uma mulher não nasce mulher, mas se torna mulher”, no seu processo de adaptação de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade em que está inserida<sup>43</sup>.

De acordo com Rachel Soihet<sup>44</sup>, o senador Lauro Muller, vice-presidente do Senado concluiu em seu discurso que “A constituição de 1891 não excluía a mulher de votar”, apenas que o governo era desfavorável às suas reivindicações. Como

---

<sup>38</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 224.

<sup>39</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>40</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>41</sup> <sup>41</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 35.

<sup>42</sup> BEAUVOIR Simone de. *O Segundo sexo: fatos e mitos* [1949]. 4. Ed. Paris: Difusão Europeia do Livro, 1970.

<sup>43</sup> BEAUVOIR Simone de. *O Segundo sexo: fatos e mitos* [1949]. 4. Ed. Paris: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 41.

<sup>44</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

pode as mulheres ter o direito de votar e de ser votada e não poderem exercer seu direito? Em contraposição Pinto, ressalta que:

Ela, simplesmente não existia. Quando a constituição de 1934 estabeleceu que todo os cidadãos brasileiros alfabetizados e maiores de 18 anos eram eleitores, ficou claro para o conjunto da população de homens e mulheres e para o regramento jurídico do país que as mulheres não poderiam votar. O direito ao voto só foi obtido em 1932. Não se citou a mulher em 1891, não se lhe prescreveu limites, simplesmente se excluiu não se reconheceu sua existência<sup>45</sup>.

Ou seja, havia políticos sem ideias, que como dizia o Senador Lauro Muller “os homens são como carneiros, quer dizer, quando um vai à frente os outros vão atrás”, mas com presença em meio à arena política e alguns juristas defendia o voto da mulher mesmo que seus maridos não estivessem de acordo. Mas pelo que se percebe nas leituras de referência já citadas, no entanto, entre a maioria dos homens, prevalecia uma visão da mulher como um ser de função exclusivamente doméstica e não capacitada para as decisões políticas. Em outras palavras, a superioridade masculina estava tão fortemente arraigada na sociedade que no pensamento de alguns homens, as mulheres não possuíam capacidade plena de exercer sua cidadania, não seriam capazes de votar e de serem votadas tanto quanto os homens. Percebe-se que o pensamento masculino estava preso ao passado no qual se julga que a moral política embasada na perspectiva masculina respaldava que a política era desonrosa para a mulher tão quanto sua ingressão no alistamento militar.

O movimento feminista no Brasil passou por uma série de mudanças em sua organização e pautas de reivindicação, o que motivou sua periodização em ondas por algumas pesquisadoras, como Célia Regina Pinto.

O que as mulheres pertencentes ao movimento feministas no Brasil pretendiam era serem vistas fora de estereótipos repressores como denunciou Beauvoir<sup>46</sup>. As mulheres buscavam a liberdade, sem que a Igreja dissesse que elas deveriam ser as Marias e não Evas<sup>47</sup> e seus maridos fossem companheiros e não seus donos.

---

<sup>45</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>46</sup> BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

<sup>47</sup> Maria era um termo designado para mulheres castas que buscavam os ensinamentos que a igreja propagava para elas. As Evas, eram chamadas assim mulheres que não seguiam os ensinamentos da igreja, deixando ser levadas pela promiscuidade da vivência da sexualidade.

Decerto, assim como a moral política no campo da vida pública cerceava muitos direitos das mulheres, a moral religiosa, nomeadamente a moral cristã, imprimia à mulher a forma bíblica de formação familiar, onde ela sempre e sem questionar deveria obediência incontestante ao marido.

De acordo com Celi Pinto<sup>48</sup> em *Feminismo, História e Poder a história do feminismo* começa a partir das últimas décadas do século XIX na Inglaterra e início do século XX na luta pelo voto, já no Brasil teve início no século XX, mas precisamente em 1910, com as sufragantes brasileiras. Isso é um exemplo que as experiências não são iguais em todos os lugares, primeiro começou na Europa, só depois vem chegar ao Brasil. É o caso de São Paulo e Rio de Janeiro, só alguns anos depois chegou a Picos, interior do Piauí.

Em meados do século XIX, as postulações pautadas aos direitos de mulheres deram início no decorrer do século XX, com a criação de entidades coletivas e o aparecimento de demandas invariáveis, bem como de embasamentos teóricos para dar uma base estrutural como suporte a todas as alegações impostas socialmente relacionadas às mulheres<sup>49</sup>.

“Mulher e o voto” não eram palavras bem vistas pelos homens. Muitos homens apontavam que seria uma catástrofe. Bertha Lutz no começo do século XX estremeceu o Brasil na luta pelo voto da mulher.

A luta das mulheres pelo voto, segundo Pinto<sup>50</sup>, chegou ao fim em 1932, quando o novo Código Eleitoral conclui que a mulher seria possuidora do direito de votar e de ser votada, transpassando-lhes o direito tanto de votar como também de ser votada, exercendo assim seu papel de cidadã consciente do seu exercício de poder, sendo similar aos dos homens.

A cada época, os movimentos feministas apresentavam bandeiras específicas de reivindicação, vendo essas mulheres uma necessidade de profundas mudanças na sociedade, apresentando demandas novas e uma considerável maturidade dentro do próprio movimento feminista.

---

<sup>48</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, v. 18, n. 36, pp. 15-23, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>>. Acesso em 20 maio 2017.

<sup>49</sup> BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

<sup>50</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

De acordo com Elizangela Cardoso em *Feminismo e Masculinidade no Início do Século XX*<sup>51</sup>, o feminismo se tornou um tema debatido nas principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, e também em cidades periféricas, a exemplo de Teresina (PI). A autora Nalva Maria Rodrigues de Sousa<sup>52</sup> que refere-se sobre Teresina-PI ressalta que as sufragistas como eram chamadas as feministas que lutavam pelo voto feminino, só obtiveram seu direito no Brasil apenas em 1934, com o sufrágio universal da primeira fase, ampliando com várias personalidades políticas e das mulheres abastadas em nível intelectual e em nível econômico. Dessa forma, a autora deu o nome dessa prática de “a política de salto”. De acordo com Elizangela Cardoso<sup>53</sup>:

[...] as mulheres, em Teresina, haviam entrado no debate acerca dos limites e das possibilidades de emancipação feminina. Algumas mulheres que estavam ingressando na imprensa e na Escola Normal Oficial, em funcionamento desde 1910, começavam a se posicionar<sup>54</sup>.

Intelectuais de Teresina como Clodoaldo Freitas<sup>55</sup> citado por Cardoso<sup>56</sup>, diziam que:

Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são seu elemento predileto. A mulher só tem, hoje,

<sup>51</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971.

Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017.

<sup>52</sup> SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. Entre a casa e a rua: mudanças no cotidiano feminino em Teresina na década de 1970. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

<sup>53</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971.

Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017.

<sup>54</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971.

Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017. p. 9.

<sup>55</sup> FREITAS, Clodoaldo. O Feminismo. In: \_\_\_\_\_. Em roda dos fatos. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

<sup>56</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971.

Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017.

vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas<sup>57</sup>.

A industrialização colocava em discussão o trabalho da mulher Clodoaldo Freitas buscava concertar um futuro incerto da sociedade, revendo que o lugar da mulher era diante do lar em sua casa, e não no meio políticos e profissões diferentes dos designados ao seu gênero como, médicas, advogadas, engenheiras, farmacêuticas etc., ou seja, para muitos homens a emancipação da mulher lhes traria uma desestabilização social altamente contra a família.

No Piauí discussões sobre o feminismo estavam sendo feitas através de jornais, quando reproduziam manchetes de outros jornais estaduais como, por exemplo, o do Rio de Janeiro, era reproduzido em Teresina através do Jornal O Piauí o texto dizia;

Estamos sobre um vulcão Um perigo espantoso nos ameaça Nem Pompéia quando rugia o Vesúvio sobre suas cúpulas multicoloridas, nem Roma quando avançava sobre ela o exército de Átila, viram-se mais ameaçadas de uma tremenda catástrofe do que nós outros, os débeis homens, nos atuais momentos históricos. O feminismo avança, avança implacável; a mulher tudo invade [...] As mulheres são hoje médicas, advogadas, engenheiras, farmacêuticas, veterinárias [...]<sup>58</sup>

De acordo com Rachel Soihet<sup>59</sup>, a feminista Bertha Lutz, ao retornar da Europa por volta de 1918, após sua estadia na Inglaterra e na França para concluir seu curso de Biologia na Sorbonne, chegou a protagonizar uma grande discussão entre as pessoas que acompanhavam seus passos no Brasil, em razão de sua participação em um concurso para um museu, no qual passou em primeiro lugar para o serviço público no Brasil. Sendo assim, Bertha teve um reconhecimento intelectual muito grande perante as mulheres da época, com um grande grau de conhecimento e uma bagagem de extrema importância para as mulheres devido às reivindicações feministas europeias. Ela trouxe uma influência das feministas

<sup>57</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971. Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017. p. 9.

<sup>58</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-6971. Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017. p. 9.

<sup>59</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

européias para o Brasil, em busca de melhorar a vida da mulher brasileira, em função dos direitos civis e sociais.

Para Soihet:

mulheres pobres, desde sempre inseridas no mercado de trabalho, passaram a busca-lo também aquelas dos segmentos médios e mesmo mais elevados da sociedade. Para isso colaborou, entre outros motivos, o fato de os produtos consumidos pelas famílias, com a industrialização, passarem a ser adquiridos no mercado, dando lugar a crescente necessidade de contribuição financeira por parte também das mulheres. [...] a essas causas também aderiram mulheres da alta burguesia, igualmente desejosas de realizações profissionais e autossuficiência econômica. Acesso a educação de qualidade, direito de voto e elegibilidade foram, então considerados instrumentos essenciais ao alcance desses objetivos<sup>60</sup>.

Ainda de acordo com Soihet havia outras linhas de luta pelas mulheres, algumas chamadas mais radicais, como por exemplo, o apoio aos partidos comunistas e anarquistas influenciado pelo meio operário, juntamente com a defesa do amor livre e do controle da natalidade. Bertha, por exemplo, entendia que o espírito de iniciativa, a atuação política e educacional também poderiam ser atividades desempenhadas pelas mulheres, livrando as mulheres da dependência e humilhação para homens, favorecendo o amadurecimento do pensamento feminino, relacionando a vontade de ter os benefícios pessoais como o interesse do próprio desenvolvimento do Brasil.

O movimento das mulheres no Brasil ganhou cada vez mais força, devido às condições de trabalho para camada baixa da sociedade, devido ao excesso de horas trabalhadas no comércio industrial, influenciadas pela Revolução Russa desde 1917. Assim sendo, associações de diversas categorias foram criadas, influenciadas pela Revolução Russa, para reivindicarem o excesso de horas trabalhadas, que antes era de treze a quatorze horas por dia, para oito horas diárias, reivindicações essas que só passaram a ser realizadas através das leis previdenciárias e assistência, em 1930. A emancipação das mulheres tinha um requisito fundamental para seguir a diante e ter resultados satisfatórios, uma vez que a educação das mulheres ricas era fundamental para o entendimento tanto para o enriquecimento intelectual quanto pela diferença dos estudos entre homens e mulheres.

Já os homens tinham uma educação voltada para o crescimento político e para o mercado, tendo a possibilidade de estudar em cursos superiores, enquanto as

---

<sup>60</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 218.

mulheres de acordo com Soihet<sup>61</sup> o ensino superior para as brasileiras foi alcançado apenas em 1879; mas no Piauí como aborda Cardoso *em Múltiplas e Singulares*<sup>62</sup> mais especificamente em 1931 esse ensino foi iniciado com a Faculdade de Direito; antes tinham a educação voltada para os ensinamentos do lar e não obtinham a autorização para ingressarem em cursos superiores. Sendo assim a educação também ganhou força nas primeiras lutas das mulheres, pela igualdade nos estudos entre homens e mulheres onde ambos teriam oportunidades e o direito ao conhecimento e ao curso superior de modo que os sujeitos escolheriam a profissão por preferência individual, não por imposição social.

A educação considerada essencial para a emancipação das mulheres foi outro ponto de destaque da atuação das feministas que pleiteavam, para as mulheres de direitos idênticos aos dos homens, a fim de que estas dispusessem dos mesmos meios para o exercício do trabalho e, com, isso obtivessem a mesma remuneração. Na época, enquanto os rapazes cursavam o ensino médio secundário, que possibilitava o acesso aos cursos superiores, às moças que prosseguiram os estudos encaminhavam-se para escolas normais, destinadas ao exercício do magistério elementar (além de serem vistas como uma forma de preparar as mulheres para melhor cuidarem de seus lares). Algumas poucas, levando em conta a possibilidade de cursarem instituições de ensino superior (conquistada pelas brasileiras a partir de 1879), realizavam o curso secundário em colégios privados, em geral, religiosos<sup>63</sup>.

O movimento nacional das mulheres tinha como principais líderes Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz, mas o que era prioridade para Bertha Lutz, como a emancipação, não era tão importante para Maria Lacerda. Para Maria Lacerda a prioridade de Bertha só atingiria as camadas a nível médio o que resultaria em um movimento de classes e não socialmente nacional.

Mas para a época o espírito dominante seria o acesso aos direitos políticos das mulheres e para isso Bertha Lutz e suas companheiras de luta pressionavam seus amigos e familiares para obter um avanço satisfatório no debate a favor das sufragistas.

De fato os segmentos mais baixos da sociedade não estavam presentes e à frente do movimento sufragista. Comumente, eram as mulheres dos segmentos médios e alto que estavam envolvidas no movimento.

---

<sup>61</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

<sup>62</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória das estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

<sup>63</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 221-222.

Na avaliação de Conceição Nogueira essa era a ideia da primeira onda do feminismo:

A emancipação das mulheres de um estatuto civil dependente e subordinado, e a reivindicação pela sua incorporação no estado moderno industrializado como cidadãos nos mesmos termos que os homens foram as preocupações centrais deste período da história do feminismo. Podem-se considerar como principais causas (históricas, políticas e sociais) desencadeadoras do feminismo, a revolução Industrial, num primeiro momento, e as duas grandes guerras num segundo momento. As principais reivindicações desta vaga foram essencialmente pelo direito ao voto, pelo qual o movimento sufragista se caracterizou, e pelo acesso ao estatuto de 'sujeito jurídico'<sup>64</sup>.

Soihet<sup>65</sup> afirma que com os avanços sufragistas o governo de Getúlio Vargas nomeou uma comissão para criar uma nova lei eleitoral devido a pressão sofrida pelas feministas. A autora ressalta ainda que “o senador Juvenal Lamartine incluiu um dispositivo de igualdade ao voto para homens e mulheres”, sendo assim o espaço para FBPF estava cada vez mais perto de seus propósitos com cada vez mais apoios políticos e com imprensa relatando nacionalmente a luta das mulheres, o que ajudou a estender para outros estados, como também o Piauí.

Contudo, o governo Provisório de Getúlio Vargas sofria grande pressão das feministas em ter o código eleitoral alterado, reivindicavam o direito de votar e de serem votadas como também na atuação de se suprir a incapacidade civil da mulher casada. Em 1932, o Brasil finalmente ganhou a alteração eleitoral com decreto 21.076, 24 de fevereiro de 1932. Mas a incorporação do código só surtiu efeito em 1934, depois de décadas de lutas feministas pelo direito de votar e de serem votadas. “Graças às pressões feministas, e coroando uma luta de décadas, o sufrágio feminino foi finalmente garantido, com a inclusão do artigo 108 na constituição de 1934”<sup>66</sup> Suas reivindicações estavam fortemente atadas aos direitos políticos femininos – direito de sufrágio – e a direitos sociais e econômicos – direito ao trabalho, à propriedade, à herança.

<sup>64</sup> NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso de gênero na psicologia social. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*, 2001. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discu%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>>. Último acesso em 23 abr. 2015. P. 5.

<sup>65</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 221-222.

<sup>66</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v.24, n.1, 2005, p.79.

As Convenções Femininas do Distrito Federal eram palcos para outras reivindicações das mulheres como sendo uma pauta plausível à imprensa como ponto para o contato nacional com as mulheres de outros estados que buscavam não só a emancipação do voto, mas também outras lutas, as participantes afirmavam não pretender.

[...] “uma reversão dos papéis sexuais tradicionais”, mas exigiam a inserção plena das mulheres na sociedade. Nas resoluções, comprometer-se a lutar pela defesa do lar, da economia doméstica e dos direitos das crianças, não tendo, portanto, conotação feminina no sentido de criticar a prioridade dada aos papéis femininos de mãe, esposa e dona de casa. Fizeram também um apelo pela “paz mundial”, consideradas por elas “a causa maior.”<sup>67</sup>

De acordo com as discussões de Soihet o ideal da liberação feminina não surtiu todos os efeitos esperados, já que o ser mulher ainda carregava grandes representações culturais de vida reclusa no privado. Foi aceito o voto, mas o exercício de atividades fora de casa seria somente extensões de sua vida maternal consideradas adequadas para o feminino e eram menos remuneradas.

Entretanto, como pessoas de sua época, as militantes dos movimentos das mulheres de até meados do século XX lutaram por aquilo que, acreditavam, tornaria a situação das mulheres menos desigual em relação às dos homens e, com isso, conseguiram reduzir parte do fosso que as distanciava da cidadania plena<sup>68</sup>.

Em 1920 muitas mulheres esforçara-se para serem pensadas para além dos papéis familiares, ao se dividir no trabalho extra doméstico, educação e participação na vida pública, embora as grandes conquistas e avanços alcançadas pelo movimento feminista foram de mulheres intelectuais da época, mas elas também se viam entre seus afazeres não intelectuais. Soihet afirma que “As mulheres mais pobres estavam preocupadas mais com as questões de sobrevivência do que com o problema específico do voto”. Em 1940 a 1960 havia um crescimento forte do marxismo no Brasil, que questionava a sociedade capitalista, assim as esquerdistas se mobilizaram alegando que o desequilíbrio entre homens e mulheres era maior devido ao capitalismo, e com o comunismo tais questões seriam rapidamente

---

<sup>67</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 230-231.

<sup>68</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 234.

resolvidas já que a opressão feminina advinha de uma sociedade altamente capitalista.

As feministas comunistas mobilizavam mulheres frente a acabar com o desequilíbrio da sociedade brasileira através de um mundo mais justo sem que o capitalismo fosse a fórmula do crescimento e do sucesso industrial, no entanto os planos comunistas retardavam com esquemas prontos sobre discriminação sexual e a favor da emancipação feminina passaram a ser um plano secundário que acabam desviando seu foco central. O foco era que as mulheres fossem donas de sua própria história e para isso deveriam ser ensinadas à inclusão o trabalho remunerado.

ninguém melhor que o oprimido esta habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nos mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominações a sociedade capitalista<sup>69</sup>

Como vimos, o movimento feminista da primeira onda se configurou como um discurso intelectual, filosófico e político que buscou romper com padrões tradicionais impostos pela sociedade para pôr fim com a opressão sofrida ao longo da história da humanidade pelas mulheres. Agora partiremos para a segunda onda e suas marcas em Picos.

## 1.2 O surgimento dos movimentos das mulheres da segunda onda

A segunda onda feminista teve seus começos no final dos anos 1960, em meio aos conflitos sociais de 1968 no Brasil e no mundo<sup>70</sup>. A onda que agitou o Brasil ficou demarcada em duas demandas de movimentos feministas, uma em que o direito ao voto foi conquistado e outra, com reavivamento do movimento feminista na década de 1960, em meio ao pós-guerra mundial<sup>71</sup>.

<sup>69</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 54.

<sup>70</sup> “Maio de 1968” francês, que repercutiu no mundo inteiro com movimentos juvenis, os movimentos pelos direitos civis dos negros, os movimentos de resistência a governos ditatoriais (na América Latina). Todos estes movimentos tinham mulheres negras, brancas, ricas e pobres, que muitas vezes eram menosprezadas pelos companheiros ativistas. (Joana Maria Pedro) *corpo, prazer e trabalho*.

<sup>71</sup> COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). 2009. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez, 2009. p. 01-29.

Enquanto na primeira onda o grito feminista era voltado à conquista do voto, em igualar seus direitos de cidadã juntamente com o dos homens, ao direito de trabalho fora de casa e ter salários iguais podendo também participar do meio político publicamente em que viviam, o feminismo desse segundo momento “deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres<sup>72</sup>.”

Na segunda onda questionavam-se os papéis de gênero, que as colocava no papel da mulher bondosa, esposa fiel e cuidadora do lar. Esse papel da mulher foi questionado por anos, em busca de liberdade feminina, em busca de ter escolhas e desejos sem ser rotulada como Eva ou Maria. Outro aspecto questionado era o casamento por obrigação e a relação sexual apenas para procriação, assim como reforçava a Igreja Católica.

A segunda onda feminista veio à tona em 1960, mas ganhou força no Brasil em 1968 devido à ditadura civil-militar. O objetivo da mulher na década de 1960 era a busca por seus direitos. Esse teria sido o momento em que o feminismo brasileiro ganhou caráter de um movimento de massa. As mulheres e seus movimentos apoiaram os grupos que eram contra o governo. As militantes feministas ao tomarem essa decisão, devido à forte repressão na liberdade de expressão, não podiam levar para a praça suas reivindicações pautadas para muitos, como, íntimas e que deveriam permanecer no privado do seu lar. O intuito da “segunda onda” era defender assuntos relacionados à sexualidade e corpo e a violência contra a mulher<sup>73</sup>.

Com isso, as feministas do Brasil se engajaram em defender não só os direitos da mulher no trabalho e no lar, mas também, em pensar a mulher para além de sua vivência formal e política, refletindo sobre questões ligadas ao corpo, sexualidade e violência feminina. São várias as vertentes do movimento feminista e a cada período da história brasileira, como nos mostra Pinto<sup>74</sup>, Matos e Soihet<sup>75</sup> em suas

---

<sup>72</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v.24, n.1, 2005, p. 79.

<sup>73</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>74</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

<sup>75</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

pesquisas, um desses pontos relevantes vão ganhando cada vez mais força. Além do voto, as mulheres buscavam o fim da dupla jornada de trabalho (trabalho externo e trabalho doméstico) e uma educação para além daquela educação voltada para os cuidados com a casa e com os filhos. As mulheres queriam liberdade, queriam se emancipar e queriam sua independência.

Durante décadas as mulheres buscavam teorias que explicasse sua insatisfação. Uma das insatisfações era porque o sexo masculino se sobressai diante do sexo feminino e porque eles tinham privilégios de poder ir e vir e fazer o que bem entenderem sem serem criminalizado pela sociedade ao qual faziam parte. Scott<sup>76</sup>, por sua vez explica que o conceito de gênero ao qual foi questionado surgiu quando as feministas americanas passaram a insistir na natureza fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, ou seja, as mulheres não estavam satisfeitas em serem diferenciadas por ser mulher, de forma que o vocábulo expressa a rejeição ao determinismo biológico presente em termos como distinções sexuais.

A segunda onda do movimento feminista era um pouco difusa devido às suas várias vertentes, com diversas reivindicações, como o corpo, a sexualidade, a educação, o trabalho externo, o voto. O trabalho de jornada dupla, era geralmente o que as mulheres estavam fazendo, além de trabalharem fora, ainda tinham o trabalho doméstico como somente sua obrigação;

As Feministas queriam que os homens dividissem com as mulheres os afazeres domésticos e mais, queriam que o Estado fizesse sua parte construindo creches nas quais as crianças pudessem ficar enquanto elas e eles iam para o trabalho; lavanderias coletivas, onde pudessem lavar e secar rapidamente as roupas da família; restaurantes populares para não precisarem fazer almoço e jantar em casa todos os dias<sup>77</sup>.

As mulheres queriam também a emancipação plena e a sua independência. A realidade nem sempre corresponde às expectativas mesmo após anos de luta nem todas as mulheres eram feministas, - e acrescentamos - ainda hoje não são<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v.15, n.2. jul/dez,1990.

<sup>77</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 251.

<sup>78</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

A mulher estava entre o público e o privado, sendo impedida de viver e conquistar sua independência, vivendo na sombra do homem da casa que era o único apto a tomar decisões e ligadas a uma moral cristã que lhe mantinha devota.

De acordo com as autoras Céli Pinto e Joana Maria Pedro, podemos perceber que as mulheres feministas não eram consideradas mulheres em si, pelo contrário além do preconceito sofrido pelos homens, ainda tinha que escutar vários estereótipos construídos por outras mulheres, “como mulheres macho”.

Você considera que as mulheres são profissionalmente tão capazes quanto homens? Revolta-se quando alguém é discriminada, sofre violência ou é desqualificada por ser mulher? Acha que as mulheres, assim como os homens, têm direito ao prazer sexual? Se respondeu sim a essas questões, então você se identifica com uma importante bandeira do feminismo: igualdade de direitos para homens e mulheres. Mas você se autodenomina feminista?<sup>79</sup>

O questionamento feito por Pedro é bastante interessante para analisarmos como o termo *feminista* ainda assusta grande parte das mulheres no Brasil, visto que, mesmo algumas se identificando com questões como as apontadas na citação acima, um número bem pequeno de mulheres se autodenominam como feministas.

As mulheres tinham receio em auto se declarar feminista devido à construção de representações e rótulos de mulheres masculinizadas, lésbicas, mal amadas, ressentidas e anti-homens. Em 1980, muitas mulheres preferiam não se identificarem como feministas, por medo de não serem reconhecidas mulheres femininas. Mas, e os homens que defendiam o direito das mulheres? Que muitas vezes apoiavam as mulheres de sua família? Estes homens não eram mais conhecidos como homens, “definir-se como feminista no Brasil era um grande risco”<sup>80</sup>.

Segundo Pinto<sup>81</sup>:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

<sup>79</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 236.

<sup>80</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 241.

<sup>81</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 111.

Cecília MacDowell Santos<sup>82</sup> discute que a violência contra a mulher teve uma preocupação das feministas na década de 1970, contribuindo para o surgimento do slogan: “quem ama, não mata”. Inicialmente, incorporou queixas contra vários tipos de violência, inclusive, aquela de natureza policial contra presas políticas, mas depois de certo tempo o debate foi se centralizando em torno da questão da violência doméstica e familiar.

A música também se relacionava com a luta feminista, o movimento das mulheres ao cantarem o clamor pela equiparação e contra práticas abusivas influenciaram, com isso estudantes passaram a ter restrições, ou seja, a liberdade privada devida a forte repressão da ditadura que repreendia e oprimia a tudo que não tivesse em ordem e obediência como as ideias do regime.

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador<sup>83</sup>

O palco político por eles montados eram sujeitos dono de seus palanques onde homens e mulheres construíam a cada instante o amanhã. Muitos atos vivenciados e silenciados por políticos são questionamentos da autora. Muitas dessas vivências ou atuações políticas perdem-se para sempre, acumulando-se aos silêncios, historicamente constituídos, porque a história tem sido parcial, silenciando ou escondendo sujeitos. Nesse sentido, questiona Michelle Perrot:

Silenciosas às mulheres? – Mas elas são as únicas que escutamos, dirão alguns de nossos contemporâneos, que, com certa angústia, têm a impressão de sua irresistível ascensão e de sua fala invasora. [...] Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da

<sup>82</sup> SANTOS, Cecília MacDowell. Da delegacia da Mulher à Lei Maria da Penha. Absorção/tradução de demandas feministas pelo Estado. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº89, 2010, p. 153-170.

<sup>83</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 111.

memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento<sup>84</sup>.

Com a chegada da década de 1970 as mulheres passaram a ter mais visibilidade. Seus rostos passaram a estampar revistas e jornais da época. Devido ao crescimento urbano, muitas mulheres passaram a ingressar em universidades e começaram a trabalhar no mercado econômico. Ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 as mulheres passaram a se reunir no *Clube das Mães*<sup>85</sup>, que reivindicavam creches<sup>86</sup>, inclusão das mulheres nas diretorias, Diretas Já, casas das mulheres<sup>87</sup>. O movimento das mulheres alegava também que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza, mas sim fruto da cultura e, portanto, passíveis de transformações<sup>88</sup>.

A segunda onda do movimento feminista teve uma organização ativamente diferenciada da primeira onda, as feministas montavam grupos de consciência e de reflexão entre os objetivos a serem conquistados, com esses grupos de reflexão o intuito era formar uma rede de vários grupos de mulheres.

Nem todas as integrantes dos grupos de consciência, se auto intitulavam como feministas, devido ao medo do preconceito, e as que assim se identificavam adotavam uma postura intimidativa entre as relações sociais e domínio dos homens.

Um tema dos grupos de reflexão que Maria Pedro traz no seu estudo era o remédio que separava procriação e sexualidade, “o anticoncepcional”, a pílula que permita às mulheres decidirem quantos filhos iria ter.

Conversavam sobre como viam o próprio corpo e o dos homens, contavam sobre a experiência da menstruação ou do aborto, narravam situações em que percebiam terem sido discriminadas por ser mulher na família ou no

---

<sup>84</sup> PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.

<sup>85</sup> Clube das Mães eram agrupamentos de mulheres de origem simples da periferia de São Paulo que passaram a questionar o preço dos alimentos, as condições de moradia, o bairro, ligados à Igreja dos bairros populares que se reuniam para aprender a executar trabalhos manuais; com o tempo, muitas elas passavam refletir criticamente sobre sua situação social e os problemas do seu bairro, o que as levou a reivindicar perante as autoridades melhores condições de vida.

<sup>86</sup> Movimento por creches manifestavam-se diante de órgãos públicos especificamente pela construção de instituições que abrigassem as crianças enquanto seus pais trabalhavam.

<sup>87</sup> Casa das mulheres eram abrigos construídos para receber mulheres ameaçadas de violência doméstica.

<sup>88</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

trabalho, comentavam a relação com o pai, com o marido, com outros homens, diziam o que pensavam a respeito do desejo sexual e do prazer.<sup>89</sup>

Em 1975, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, foi organizada uma conferência para debater o papel e “o comportamento da mulher na realidade brasileira”, onde levou a decisão de se criar um *Centro da Mulher Brasileira* (CMB), na cidade do Rio de Janeiro, considerado o marco inicial da segunda onda feminista. Esses centros tinham o intuito de conscientizar as camadas mais baixas da sociedade. Foi criado o centro de ‘Pesquisas sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira’ para não ser utilizado o termo ‘feminista’, que assustava as pessoas.

O avanço das mulheres no espaço público e em atividades que antes eram monopólio masculino e as reivindicações sufragistas instalavam um clima de inquietações que ameaçavam um modelo de ornamento social e familiar, que se constituía um perigo iminente de perda de espaços e poder pelos homens.<sup>90</sup>

A década de 1980 foi considerada uma grande época da mulher, pelo grande salto destas no trabalho e na educação e até mesmo em poder discutir temas íntimos como, por exemplo: “o prazer, orgasmo, sexualidade, masturbação,” chegando a dar conselhos básicos transmitidos pela televisão pela sexóloga Marta Suplicy. Outro ponto favorecedor do século foi à inserção das mulheres em cargos de chefias, mesmo que não fossem tratadas com igualdade, mas o direito de estar no mesmo local de trabalho onde somente era designado para homens, já configurava uma vitória para essas mulheres, conquistadas pelas grandes influências das lutas das feministas. Esse novo espaço representou também a possibilidade de abertura de novos postos de trabalho no Brasil.

Mesmo que hoje suas posturas possam ser alvo de críticas, o que fizeram já é um grande avanço: as mulheres passaram a ser pensadas- para além dos papéis familiares- como pessoas com capacidade profissionais, intelectuais e com possibilidades de eleger representantes e de ocupar elas mesmas cargos públicos. Como previam acertadamente os opositores desses movimentos, as mulheres brasileiras nunca mais seriam as mesmas<sup>91</sup>

Durante a ditadura civil-militar muitas mulheres que eram contra o governo tiveram que sair do país, ou foram banidas ou fugiram para não serem presas, foram

<sup>89</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 244.

<sup>90</sup> ROCHA, 2009, p.61.

<sup>91</sup> SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria. (org) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012, p. 234.

torturadas ou mortas pelo governo militar. Ao fugirem, eram indicadas a procurarem casas de outras mulheres que defendiam o movimento feminista e lá, devido a troca de experiências, muitas passaram a ter um sentimento de irmandade umas pelas outras, mas esse sentimento, era confundido severamente de acordo com Joana Maria Pedro<sup>92</sup> por lesbianismo, uma crítica dada por tantas vezes às mulheres integrantes dos grupos tomada de consciência.

Em 1977 as mulheres tinham alguns meios de expor suas reivindicações, uma delas era o editorial *Nós Mulheres*<sup>93</sup>, alvo de críticas por parte da sociedade por ter esse meio de se expressar e, segundo a sociedade conservadora, estarem promovendo a discórdia nas famílias e no campo de esquerda. A todo custo parte da sociedade tentava fazer com que o movimento feminista não fosse levado a diante, por denúncias de que o lugar de mulher era em casa, cuidando dos filhos e do marido.

Existiam mulheres que confrontavam os discursos feministas, não aceitando e não reconhecendo como uma luta de todas as mulheres isso faz pensar que nem todas as mulheres eram e são feministas. A grande maioria se considera contra, muitas vezes apoiando as lutas, mas não se vendo como feminista.

Os discursos tradicionais e conservadores eram discursos de poder que disciplinava os corpos, estavam presentes em várias esferas da sociedade, na educação, no cotidiano das jovens. Assim como em outras partes, no Piauí a igreja também se acentuava sobre a docilização dos corpos e segundo Luciana Pereira<sup>94</sup>, em “a diocese de Teresina” fazia o mesmo, através de seus mecanismos de disciplinarização, tentava construir, através de discursos e práticas, as mulheres como ‘filhas, esposas e mães’ e que ‘não deveriam se deixar levar pelas ideias modernas ou pelo feminismo exacerbado’”.

A igreja desde muito antes conceituava muito os corpos em outra vertente a Marina Luz<sup>95</sup> em *Entre Marias e Evas* através da memória de seus depoentes,

---

<sup>92</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 250.

<sup>93</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 250.

<sup>94</sup> PEREIRA, Luciana de Lima. A Igreja Católica “em tempos mundanos”: a luta pela construção da neocristandade em Teresina (1948-1960). 242f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2008.

<sup>95</sup> LUZ, Marina Priscila Lisboa Araújo. ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

explica que a sociedade picoense sempre foi muito católica e predominava nas relações, perpassando por geração em geração, sendo este muito tradicional incluindo crenças e práticas católicas e impunha regras de conduta e comportamento. Analisa fatos da época através também de edições do jornal *O Dominical*, o jornal das famílias piauiense, que se configurava na época como um dos principais instrumentos reguladores sociais, utilizando discursos e práticas normativas para propagar os princípios morais e cristãos na sociedade.

Percebe-se no trabalho de Luz<sup>96</sup> que no discurso católico em Picos a constituição da família era necessária e só poderia se afastar desse destino, se fosse para se tornar um sacerdote ou no caso das mulheres, freiras. Para Igreja Católica, o objetivo principal do casamento era ter filhos e estes deveriam ser educados de acordo com os princípios cristãos. Isso seria a garantia de uma família ideal, com bases nos discursos católicos.

Como vimos, o feminismo era tido como uma ameaça a moral cristã e a família tradicional pois, segundo os discursos de oposição a emancipação da mulher para o mercado de trabalho, esta deixava a casa sem a administração, o que seria “naturalmente” função da mulher.

Apesar do constante embate do movimento feminista com o conservadorismo da sociedade brasileira, a luta das mulheres por conquista de novos espaços era uma realidade em crescimento no Brasil dos anos 1970 e 1980,

Talvez a maior conquista das jovens feministas dos anos 1970 e 1980 muitas vezes desconhecidas das novas gerações, seja o reconhecimento da existência de outras maneiras de ser uma mulher, para além das funções idealizadas de esposa, mãe e dona de casa. Até meados do século XX, aquelas que queriam se dedicar a uma profissão, por exemplo, eram levadas a acreditar que deveriam abdicar do casamento e da maternidade<sup>97</sup>.

Portanto, cada vez mais vemos a redefinição de papéis femininos, numa sociedade em que as mulheres eram maioria e lutavam/lutam por representatividade. Em Picos, no segundo capítulo iremos apontar minuciosamente como foram as representatividades das militantes e suas conquistas.

---

<sup>96</sup> LUZ, Marina Priscila Lisboa Araújo. ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

<sup>97</sup> PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 257.

### 1.3 O surgimento dos movimentos das mulheres da terceira onda

O movimento das mulheres não é um movimento universal que engloba a totalidade das mulheres envolvidas em militância e ativismo político, ainda que seu discurso tenda a ser globalizante. Ao pensar nas mulheres de forma geral pode ocorrer riscos de não se perceber as especificidades dos diferentes feminismos, esquecendo-se de atentar aos detalhes significativos, àquelas questões mais flagrantes da existência de pontos de conflitos locais e de desigualdades internas de gênero, de classe e raça.

As mulheres buscavam equivalência dos sexos e não igualdade, o debate em torno da questão do gênero vai além da distinção entre sexo e gênero e remete a contextos sociais que demandam apreciação crítica. Para Scott<sup>98</sup>, gênero pode ser também entendido como um elemento construtivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, ou ainda como uma forma primeira de significar as relações de poder.

O termo gênero está ligado às relações sociais entre homens e mulheres, seja na construção dos discursos que envolvem ambos ou na criação e caracterização dos papéis que homens e mulheres exercem na sociedade. Segundo Scott<sup>99</sup>, gênero deve ser visto como uma categoria útil para análise histórica que serve não para diferenciar, mas para explicar a diferença e a desigualdade.

O feminismo questiona o sujeito universal e luta pela equiparação de direitos entre o feminino e o masculino. A terceira onda feminista como defende Pinto<sup>100</sup>, foi uma representação e continuidade da segunda onda feminista, com o acréscimo de mostrar não só a diferença entre homens e mulheres, mas as diferenças entre as próprias mulheres. Assim, a terceira onda correspondeu às expectativas de muitas feministas. Entretanto, nem todas as mulheres se consideravam feministas assumidas ou demonstravam abertamente querer lutar anos por seus direitos. O “ser” feminista era normatizado e padronizado como “mulher masculina” e muitas das mulheres não queriam este rótulo de “mulher masculina”.

---

<sup>98</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v.15, n.2. jul/dez,1990.

<sup>99</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v.15, n.2. jul/dez,1990.

<sup>100</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

A principal luta na terceira onda teve início na década de 1990, no entendimento do ser mulher e suas próprias diferenças, raciais, religiosas e regionais, ou seja, reivindicariam a diferença dentro da diferença.

Mostramos que na primeira onda, com as sufragistas, as moças que faziam parte do movimento eram da alta sociedade e bem educadas e tinham objetivos mais específicos, como a participação política no voto. Na da segunda onda, os segmentos médios da sociedade estavam entre os meios onde as mulheres mais reivindicavam novas possibilidades, seus objetivos não eram mais os mesmos – ou não somente –, mas também priorizava a liberdade de expressão, trabalho, corpo, sexualidade e que a luta fosse homogênea entre os direitos das mulheres, na tentativa de que a luta fosse satisfatória para todas as mulheres. Sendo assim, a terceira onda nasce como respostas à homogeneização das reivindicações das mulheres, pois pensa as diferenças dentro das diferenças, ou seja, as lutas devem ser específicas de cada grupo, levando em consideração outras variáveis como raça e classe, como a luta das mulheres negras e pobres, das mulheres lésbicas, das mulheres nordestinas, das mulheres picoenses.

O movimento de terceira onda não pretendia abarcar uma única causa, mas sim travar uma batalha contra a opressão feminina, o machismo e a violência contra as mulheres, estas arraigadas em toda a sociedade brasileira. O feminismo passou a ter plurais de feminismos, não deixando de focar no ser mulher, mas atenuando-se no real empoderamento da mulher.

A partir de 1985, foram criadas as delegacias especializadas. O feminismo, as feministas e as delegacias da mulher não resolveram a questão da violência, mas a criação das delegacias foi um avanço na medida em que a mulher passou a ser reconhecida como vítima de violência. O segundo tema que se tornou central no movimento feminista a partir da década de 1980 foi a implantação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM), pelo Ministério da Saúde, que envolvia três temas: planejamento familiar, sexualidade e aborto<sup>101</sup>.

Com a redemocratização, como percebemos pela leitura de Pinto vieram também uma série de benesses, entre elas, as delegacias de mulheres para que estas fossem atendidas por mulheres ao denunciarem uma violência. Apesar dos vários movimentos de mulheres terem conseguido muitos avanços na primeira

---

<sup>101</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 190.

metade do século XX, a baixo índice de mulheres em cargos da política partidária, em cargos de direção, presidência e chefia só mostra o quanto às mulheres ainda são excluídas da vida social e política no Brasil, embora representem maioria em relação aos homens, por isso, a importância de pesquisas que ora propomos, para dar visibilidades às lutas de mulheres nas pequenas cidades interioranas, evidenciando conquistas e discutindo sobre os desafios de ser mulher ainda no século XXI.

O movimento feminista ganhou expectadores com sua astúcia de mostrar que de frágeis, nem o nome, “vislumbra que o sujeito na história não é mais o de uma figura universal, tendo o homem como o protagonista”<sup>102</sup>. Grande parte das mulheres, a partir da luta dos movimentos feministas, estão se tornando protagonistas da sua história, mesmo não se identificando como feministas.

Como vimos, o movimento feminista da terceira onda traz consigo uma continuação da segunda onda, porém redefinições ao contestar as definições essencialistas da feminilidade que se apoiavam especialmente nas experiências vividas por mulheres brancas, integrantes de uma classe média-alta da sociedade, assim enfatizavam a micropolítica e desafiavam os paradigmas da segunda onda sobre o que é e o que não é bom para as mulheres. Depois de compreendidos as fases do movimento passaremos agora a enfatizar o nosso objeto de estudo e sua trajetória na militância, demonstrando que mesmo distanciadas das discussões nos grandes centros, as ondas do feminismo influenciaram as experiências de mulheres na cidade de Picos.

---

<sup>102</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

## 2 SÉCULO XX E A DESCONSTRUÇÃO DA ATUAÇÃO DA MULHER NO MEIO PÚBLICO E PRIVADO: mulheres picoenses e seu lugar na História

[...] Minha mãe era rígida e me criou dentro da igreja dos princípios religiosos[...]<sup>103</sup>

O discurso da epígrafe acima sofreu anos e anos até ser entendido como história na qual muitas mulheres se mantiveram caladas no espaço privado sendo silenciadas para que seu íntimo não viesse a ser exposto. Os motivos são múltiplos, e segundo Perrot<sup>104</sup>, a ausência de relatos e fontes que retratassem a vida das mulheres constitui os silêncios mais profundos. Muitos historiadores exaltavam os grandes homens que iam às guerras e voltavam heróis ou viravam fontes de inspiração para os filhos, enquanto a mulher era tida como cuidadora do lar, ou seja, cuidando dos afazeres domésticos como também da reprodução e submissão ao homem<sup>105</sup>.

O que o capítulo anterior revela ao leitor que há outras faces da mulher brasileira, e este trabalho tem como ideia mostrar que aquela mulher recolhida ao lar, submissa ao homem esta cada vez se mostrando que pode se equiparar e andar junto com o indivíduo ao invés de ser uma mulher subordinada. Reforçando que para as mulheres da elite, terem, um comportamento mais transgressor à feminilidade construída, era tarefa difícil, pois a honra da família era ligada à honra feminina e como seria sua responsabilidade em mantê-las intactas, através das ligações matrimoniais. No entanto nem todas se deixaram dominar pelo sentimento da culpa, mesmo sabendo que não poderiam mais ser vistas à toa e sim em conventos ou mesmo confinada no mundo doméstico, restrito ao privado da vida.

Trabalhar com biografias exige compreender que os nossos personagens são contraditórios. O texto de Albuquerque Júnior<sup>106</sup> ajudou entender esse percurso ao apontar que a autobiografia, talvez seja, não apenas uma maneira de fazer-se

---

<sup>103</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>104</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 17.

<sup>105</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 18.

<sup>106</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A gente é cria de frases: sobre história e biografia*. Maracanã, Rio de Janeiro, jan-dez. 2012.

lembrado, mas de lembrar de si mesmo, de sua existência cotidiana, daquele que foi ou que é quando não escreve, aquele que resta ou existe antes ou apesar dos personagens que criou ou cria.

Neste capítulo será retratado as experiências de uma mulher transgressora a sua época, que ha tempos atrás era vista com estranhamento perante a sociedade picoense e ate mesmo de seus familiares<sup>107</sup>.

## 2.1 A vida para uma mulher

[...] Eu não escolhi ser professora, eu fui ser uma porque segundo minha mãe eu precisava ter uma profissão<sup>108</sup>. Quando uma mulher expunha sua imagem causava estranheza e medo para a população, onde muitas mulheres preferiam preservar a sua interação com o meio social, com medo do que a população iria falar, havia um pudor feminino muito intenso, estritamente ligado à memória. Portanto, Perrot explica que “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos.”<sup>109</sup>

Esse momento foi crucial para o mundo acadêmico onde ganhava contornos intelectuais consistentemente<sup>110</sup>. Para Perrot “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”<sup>111</sup>, é perceber que as mulheres também são agentes históricos, não sendo apenas destinadas a exercer seus papéis biológicos, relacionados à reprodução e em termos culturais, à submissão ao homem.

As mulheres picoenses perceberam que o mundo já não era mais o mesmo e as normas estavam entrando em estado de crise. Um mundo moderno se

---

<sup>107</sup> ALGRANTI, L. M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

<sup>108</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>109</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [Tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 21.

<sup>110</sup> LUZ, Maria Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. 2016. 77f. Monografia (Licenciatura em História) - UFPI, 2016, p. 24-25.

<sup>111</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [Tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007.

aproximava das capitais para os interiores. As roupas estavam mudando, minissaias estavam fazendo parte do vestiário de muitas mulheres nas capitais, mas, segundo Marina Luz;

[...] o que se observa através das fontes é que as jovens picoenses ainda eram bem recatadas, salvo algumas exceções. O motivo para tanto pudor, eram as regras de conduta que a Igreja Católica ditava, não permitindo que as moças usassem roupas curtas, pois não podiam mostrar as pernas, nem os ombros, nem o colo. Essa diferença regional demonstra mais uma vez o quanto a heterogeneidade social e cultural brasileira é grande<sup>112</sup>.

As diferenças regionais eram notadas pelo fluxo das informações e de como a sociedade absorvia essas informações modernas, uma vez que a sociedade era baseada nos princípios religiosos, era difícil quebrar esse efeito cultural na sociedade que eram fortemente direcionadas para as vivências bíblicas.

A liberação sexual feminina que permeava os anos sessenta não se constituía como uma ação uniforme e contrastava com antigos valores sociais. Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para posteriormente se casarem e tornarem-se boa esposa, boa dona-de-casa e boa mãe. Este era o “destino natural” das jovens, impregnado de valores antes mesmo do seu nascimento. Percebemos que, mesmo os sujeitos picoenses compartilhando dos constantes debates que ocorriam no Brasil e no mundo sobre a condição do ser feminino, os discursos que prevaleciam na cidade de Picos em torno da mulher as condicionavam como naturalmente esposa, mãe e dona-de-casa<sup>113</sup>.

No entanto nem todas as jovens mulheres aceitavam esses preceitos facilmente, haviam aquelas que se desviavam da pressão familiar e da igreja em se concretizar-se como uma perfeita cuidadora do lar. A Maria José, conhecida como Nega Mazé foi uma mulher que correu atrás e enfrentou diversos preconceitos sobre

---

<sup>112</sup>OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960. VI SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2012, Teresina. **Anais...** p. 9. Disponível em: <  
<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Karla%20ingrid%20Pinheiro%20de%20Oliveira%20%20Francisco%20de%20Assis%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.

<sup>113</sup>OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960. VI SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2012, Teresina. **Anais...** p. 9. Disponível em: <  
<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Karla%20ingrid%20Pinheiro%20de%20Oliveira%20%20Francisco%20de%20Assis%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.

a sua vivência, não se conformava com o “destino natural”. Mazé pertencia às camadas baixas e, também era negra, sua vida não foi fácil, teve que ouvir da própria mãe que deveria casar para ser amparada pelo seu marido e seguir o seu destino “como deveria ser”, uma dona de casa restrita ao seu ambiente privado, cuidando de seus filhos ou mesmo trabalhando como lavadeira ou costureira, profissões essas que pertenciam ao meio privado da vida da mulher pobre.

A mulher não deveria querer estar no ambiente masculino, nem mesmo trabalhar fora de casa. Aquelas que seguiam esse caminho estariam abdicando de ter uma família, uma casa e um marido, exceto se for mais uma profissão baseada em princípios de cuidado, como a de professora.

A sociedade da época recuava as mulheres ao máximo que podiam no espaço privado. Mesmo as famílias mais ricas dificultavam quando a mulher preferia prosseguir com seus estudos porque sabiam que o casamento poderia ficar em último plano e as famílias já haviam possuíam planos para aquelas moças.

Apesar de algumas mulheres vivenciarem uma vida de boas condições financeiras, muitas queriam mais do que lhes eram dadas como sentir-se útil para na sociedade, por exemplo. O trabalho para elas muitas vezes serviam para o seu próprio ego, era fonte de engrandecimento, além de seus cuidados com filhos e maridos. Oliveira destaca:

O estudo aumentava a exigência das moças, que procuravam rapazes cada vez mais inteligentes para se relacionar. Uma maior instrução levava ainda essas moças a questionar a submissão imposta à mulher com a prática do casamento. Essas moças queriam liberdade, poder fazer escolhas, ter vontade própria. Optavam apenas por trabalhar e continuavam, muitas vezes, ao lado da família, ajudando e cuidando dos pais. Algumas permaneceram solteiras por não conseguirem se desprender dos laços fraternais<sup>114</sup>.

O estado civil da mulher seja ele solteira por preferência ou não era bem visto pela sociedade. Muitas outras mulheres ou mesmo outras famílias já especulavam o porquê daquela moça estar solteira, então potencialmente as moças eram educadas

---

<sup>114</sup>OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960. VI SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2012, Teresina. Anais... p. 9. Disponível em: <  
<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Karla%20ingrid%20Pinheiro%20de%20Oliveira%20&%20Francisco%20de%20Assis%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.

e preparadas para serem belas donas de casa, caso contrário seriam julgadas e apontadas na rua como aquela que “vai ficar para a titia” ou sendo mais radical, como sendo “celibatárias transgressoras” que fugiam das normatizações determinada pela sociedade com o reforço da Igreja Católica.

Na década de 80 a mulher ainda tinha que ser a dona de casa, a mãe de família, ela tinha que ser a mulher perfeita e obediente que não tinha vontade própria além de não ter direito próprio a não ser o que o marido dela proporcionasse, mulher não tinha direito de estudar, é tanto que, lutei muito para terminar meus estudos e escutei muita coisa desagradável, a mulher ainda tinha que ser a rainha do lar<sup>115</sup>.

No entanto, a sociedade obrigava a mulher a ser uma dona de casa como fala a “nega Mazé”, mas nem sempre todas faziam o que lhes eram apropriadas. Na maior parte do seu tempo ela se perguntava porque a mulher não poderia ter outra profissão ou ter voz ativa em decisões familiares ou trabalhistas? Porque a mulher não seria capaz de comandar uma empresa? Ou porque ela seria punida se reclamasse de suas obrigações? Sabe-se que uma mulher pobre trabalhava não para ter algo para se, mas para ajudar no sustento e só poderia fazer o que seu marido (se fosse casada) deixasse. Essas indagações sussurravam como insatisfação a muitas das mulheres antepassadas, mas que foram poucas as que tiveram coragem de enfrentar um turbilhão de apontamentos.

Karla Oliveira<sup>116</sup> relata que em Picos apesar de muitas mulheres já saberem o que estava acontecendo a favor da condição feminina, o discurso que permeava o imaginário das mulheres da cidade reforçava com que muitas mulheres permanecesse como dona de casa. Porém haviam aquelas que buscavam outro meio como os estudos, como a Nega Mazé relatou um pouco mais acima que ela apesar de ter lutado por seus estudos porque não se conformava com a vida doméstica ao qual foi predestinada.

---

<sup>115</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>116</sup> OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960. VI SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2012, Teresina. Anais... p. 9. Disponível em: <  
<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Karla%20ingrid%20Pinheiro%20de%20Oliveira%20&%20Francisco%20de%20Assis%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.

Mas na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher estima que, em casando, assumiu encargos de que a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que houvera encontrado associando-se a “uma mulher de verdade”: quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. É uma tarefa que se torna facilmente acabrunhante. Ela a assume ao mesmo tempo por consideração para com seu parceiro e por fidelidade a si mesma: porque faz questão, já o vimos, de não falhar em seu destino de mulher.<sup>117</sup>

Todavia a influência da família era com as meninas e exclusivas para elas, pois “em virtude do papel que assume a religião na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão sofre mais, igualmente, as influências religiosas”<sup>118</sup>. Assim como é comum muito dos filhos terem os pais como influência e encaminham suas vidas como a do pai, as filhas acabam crescendo e tendo uma enorme admiração pelas mães direcionando-se como elas. As mães oferecem seus melhores ensinamentos às filhas de como serem boas donas de casa assim como saber lavar, cozinhar, passar, costurar e assim quando se casarem estarão preparadas para uma vida de esposa alegre e harmoniosa assim como a mãe delas.

<sup>119</sup>

Todavia ao casar-se muitas mulheres picoenses de camadas populares passaram a ter uma dupla jornada de trabalho: o trabalho externo para auxiliar no complemento da renda do marido e o seu trabalho privado. As mulheres com melhores condições que poderiam exercer alguma profissão pagavam uma babá para cuidar de seus filhos<sup>120</sup>.

A Nega Mazé se sobrepõe a isso, por que mesmo não tendo como pagar uma baba, é como ela diz “quando comecei a trabalhar eu pagava gente pra ficar em casa”, mesmo sem ter as melhores condições. As moças que me ajudaram a criar meus filhos, eu pagava em troca de favores como a de moradia, alimentação e

<sup>117</sup>BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, p. 463-464.

<sup>118</sup>BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, p. 31.

<sup>119</sup>LUZ, Maria Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. 2016. 77f. Monografia (Licenciatura em História) - UFPI, 2016, p. 51.

<sup>120</sup>OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. Dedicção e esmero: as professoras picoenses e o trabalho feminino nas décadas de 1940 a 1960, p. 15. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351\\_ARQUIVO\\_Dedicacaoee\\_smero.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351_ARQUIVO_Dedicacaoee_smero.pdf)>. Acesso em 18 maio 2017.

quando eu podia agradava elas com um presente, pude fazer essa escolha porque tinha em mente uma outra perspectiva de vida (de não ser uma mulher submissa), como também terminar meus estudos e trabalhar para ter uma renda melhor e sem dúvidas de minhas escolhas para também não ter que fazer o serviço doméstico.

## 2.2 MULHER NEGRA E MILITANTE

Nesse subtópico discutiremos a história da picoense Maria José Alves do Nascimento, pelo fato dela ter feito parte dos primeiros grupos que discutia os direitos da mulher em Picos, vinculado à Coordenadoria dos Direitos da Mulher em Picos-CDM-Picos-PI, hoje sendo seu cargo/função.

Maria José Alves do Nascimento é conhecida como Nega Mazé. Nascida em três de janeiro de 1944, filha de Joana Maria dos Santos e Daniel Alves dos Santos, que dessa união tiveram seis filhos. A profissão do seu pai era pedreiro e sua mãe trabalhava como doméstica, mas também lavava e passa roupa para fora, para ajudar no sustento da família. A casa em que morava era de barro com uma fraca estrutura e bastante humilde que ficava em um bairro de periferia na cidade de Oeiras-PI, onde nasceu.

A Nega Mazé foi casada<sup>121</sup> com um picoense no dia 26 de dezembro de 1965 e com ele tivera sete filhos, “eu já estava no ginásio e só tirava nota boa e quando me casei eu tava na 7ª série do ensino fundamental”<sup>122</sup>.

A entrevistada Nega Mazé pertencia às camadas populares assim como seus pais, de família negra e com preceitos religiosos fortes, direcionaram sua filha para colégios no qual a preparariam para ser uma mulher prendada. Assim como relembra a Nega Mazé:

Minha casa era de palha, a cozinha era feita de tijolos empilhados e ai eu me lembro que minha casa molhava muito quando chovia e quando tinha uma chuva muito forte minha mãe colocava um plástico na gente em cima da cama porque molhava muito a casa devido a casa ser de palha e a minha adolescência ainda foi nessa casa de taipa, agora depois que meu pai fez as paredes de tijolos ele ainda cobria de palha eu sempre morei em casa de palha, mas minha mãe tinha um objetivo com ela de me botar na escola assim

---

<sup>121</sup> Optamos, neste trabalho, por preservar a identidade do homem com quem se casou, ficando viúva anos mais tarde.

<sup>122</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

como os outros, e eu sempre tive vontade de estudar, só que eu era muito hiperativa, dava muito trabalho quando criança e precisava estar sempre ocupada, uma hora tinha uma professora que me dava aula de reforço que naquela época era aula particular e ainda ia para o colégio das irmãs para aprender a costurar, fazer crochê, tirar o curso de datilografia porque eu era intolerável demais e não podia ficar parada<sup>123</sup>.

A vida sofrida de Maria José só fez com ela quisesse ser mais livre, as muitas objeções estipuladas à mulher como dizia sua mãe, só a fez não querer ser aquela dona de casa, pelo contrário a fez ter raiva que “se pudesse colocar uma parede para não vê a cozinha colocava”. Todavia sua infância foi decisiva para torná-la uma mulher de escolhas e de personalidade forte. Nos relatos é possível notar que as festas que participava comprovava que a Mazé era de camada baixa por serem em bairros mais afastados, como as periferias da sua cidade, Oeiras-PI.

Mesmo quando criança e na adolescência eu tinha a convicção de que eu queria ser livre, até porque não queria obedecer as regras por isso sempre fazia o que queria e não obedecia a pai e nem mãe, tomava banho de açude junto com os meninos, apostava corrida com eles de bicicleta, aprendi a jogar todos os jogos dos meninos: suru, papagaio, pião, sinuca com peteca. Brinquei muito na minha infância até com bruxas de panos que minha mãe fazia<sup>124</sup>.

Sua má obediência começou desde cedo quando seus pais a deixavam com a vizinha para poderem trabalhar, em que a ordem era de não sair para festas ou mesmo participar dos encontros estudantis, porém a mesma tomava as rédeas de suas próprias decisões.

Uma trajetória dedicada à vida familiar, sendo a “rainha do lar” não a permitia ser livre e essa era sua necessidade, a escolha de poder ser livre, estudar e trabalhar, sem precisar se dedicar horas e horas na cozinha e cuidando da harmonia e educação dos seus filhos.

O início do seu relacionamento com o homem que foi seu marido foi turbulento, porque um antigo namorado não aceitava o fim e passou a falar que tinha ficado com ela para a cidade inteira e na época entre os anos 1963 e 1964, “ a mulher que casava sem ser virgem e não informava previamente o noivo, sobre já

---

<sup>123</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>124</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

ter sido deflorada, esse ato era consideração como ato de induzimento a erro essencial e ocultação de impedimento e dava direito ao marido de pedir anulação do casamento”<sup>125</sup>, ou seja a mulher que ficasse com outro homem estava desonrada e teria que casar com o rapaz a quem entregou a virgindade.

Quando se trata das questões de honra para as famílias pobres, a cobrança social não atuava tão duramente se comparado às moças ricas, talvez pela liberdade de estar no espaço público por conta do mundo do trabalho, talvez por não se ter uma preocupação com status, contudo, uma menor cobrança não configurava como uma possibilidade de desvio do “destino natural”, percebemos isso quando a entrevistada afirma que sua mãe, depois de perceber os boatos que se espalhavam pela cidade sobre sua filha, concedeu a sua filha em casamento ao namorado, logo nos primeiros dias de namoro.

Porém quando se casou no religioso com efeito civil, ainda não tinha cursado o 2º grau e seu marido, assim como a família dele não apoiava uma mulher que estudava e trabalhava fora de casa. Para eles, a mulher deveria honrar seu destino e o desejo de estudar das moças era considerado como algo ruim, pois era para “escrever para seus namorados”, porém a Nega Mazé ali já começava a sentir que não era essa prisão que queria para sua vida, de acordo com seu depoimento abaixo:

Meu marido dificultou para que eu voltasse a estudar porque ele não queria q eu estudasse e nem da família dele que ainda eram daquela época que mulher casada não podia estudar porque ia escrever carta para outros homens. Depois teimei e voltei a estudar, graças a um tio meu e meu pai e minha mãe que tiveram que vir de Oeiras para intervir, porque eu ia largar o marido para voltar a estudar, ai eles vieram para intervir nessa situação e meu tio Francisco Ribamar disse que me dava todo o material escolar, ai então eu comecei a estudar aqui no colégio Domingos Xavier<sup>126</sup>.

De acordo com Bebel Nepomuceno as mulheres negras viravam as chefias de família devido o preconceito de homens negros no mercado, entretanto a mulher foi criada não para manter a família, mas para ser a doce companheira do homem,

---

<sup>125</sup> CORTÊS, Íaris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>126</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

então a sua moral física deve e é para o seu desenvolvimento completo de sua missão<sup>127</sup>.

A afirmação de Nepomuceno vai de acordo com o pensamento da família de seu marido, na qual o papel da mulher deveria ser cumprido com maestria.

A vida acadêmica da Nega Mazé, foi bastante sofrida, “eu estudava à noite escondido dele, ainda queimei uma banda do cabelo porque dormi e a vela virou queimando a banda do meu cabelo que ainda hoje um lado do cabelo é diferente do outro e mesmo assim passei na UFPI em Teologia e fiz os três anos em Teresina”<sup>128</sup>.

Antes do casamento, o embate de Mazé havia sido com sua mãe que, por mais que quisesse que sua filha estudasse, mas era um estudo destinado à mulher para seguir o seu “destino natural” e não como um estudo sonhado pela Mazé. Era preciso estudar à noite, depois de todos dormirem. E sobre frequentar a Escola Normal, ela relembra: “Eu não escolhi ser professora, eu fui ser uma porque segundo minha mãe eu precisava ter uma profissão, um emprego como na época em que vivia havia uma facilidade de quando se formar já tinha um emprego garantido, diferente de hoje”<sup>129</sup>. Percebemos nas memórias da entrevistada também a necessidade do trabalho para a mulher pobre.

Ainda nos anos de 1980 formou-se em Teologia e trabalhou como professora no Colégio Coelho Rodrigues e mais tarde, na Escola Francisco Santos e Colégio Justino Luz.

Sobre iniciar no mundo do trabalho, rememora a Nega Mazé.

Comecei com 10, 12 anos a trabalhar, eu aplicava injeção, aprendi no Colégio das Freiras um curso de como fazer injeção e como em Oeiras não tinha hospital eu era chamada nas casas, chegava a passar até a noite toda sem dormir ajudando a aplicar as injeções que deveria ser de hora em hora nas pessoas doentes. Trabalhei também em uma loja de tecidos, mas tive que sair por que as peças de tecidos eram muito pesadas e doíam minhas costas. Trabalhei também na farmácia de um Dr. Mas, antes disso trabalhei com Amadeus em uma bodega vendendo cachaça. E por fim trabalhei no Palácio das Conservas era uma padaria de um senhor crente chamado Antônio Carlos, eu era caixa, depois ele me tirou e botou para dar aulas particular para os filhos dele. Eu trabalhei depois de

<sup>127</sup> NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, Carla B. (Org.) *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora contexto, 2012, p. 397.

<sup>128</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>129</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

casada para ter uma pessoa na minha casa lavando e limpando minha casa, cheguei a trabalhar costurando camisas, eu fazia camisa para lojas a semana todinha. Trabalhei também engordando porcos e vendia para os açougues<sup>130</sup>.

O lugar da mulher, até bem poucos anos atrás era onde os homens permitissem/dissessem. E o que diriam para uma mulher como a Nega Mazé que chegou a trabalhar em uma cachaçaria?

As mulheres pobres eram obrigadas a trabalhar para tentar conseguir uma vida com melhores condições, como narra a entrevistada Nega Mazé, que ao casar, se trabalhasse fora de casa não teria tão grande obrigação com os afazeres domésticos ao qual lhes impuseram desde à sua infância, enquanto que, se fosse uma mulher rica, só trabalharia se desejasse e/ou sua família permitisse.

Mary Del Priore pondera que muitas mulheres começaram a observar suas lutas íntimas e passaram a se perguntar em qual realidade elas estavam. Então, a partir daí, começaram a surgir os questionamentos dos primeiros movimentos das mulheres, marcados por uma grande variedade em suas reclamações. Muitas críticas sofreram as mulheres que iniciaram a luta contra o poder masculino instituído, mas foram as feministas que fizeram a história que enaltecia em qual território a mulher poderia estar juntamente com a ajuda de grandes historiadoras<sup>131</sup>.

No capítulo seguinte, apresentaremos a trajetória de luta das mulheres em Picos, enfatizando a criação do núcleo picoense da União das Mulheres Piauienses-UMP.

---

<sup>130</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

<sup>131</sup> DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 217-235.

### 3. “ISSO SE CHAMA MOVIMENTO PORQUE NÃO PARA”: O MOVIMENTO DAS MULHERES EM PICOS

Porque as mulheres querem ocupar espaços a qual não são destinadas? De acordo com Karla Oliveira “Dedicação e esmeros“, os trabalhos destinados às mulheres dos anos 1940 a 1960, os quais constituem o recorte temporal da sua pesquisa, estavam ligados à costura, tricô, bordados. Mulheres de famílias ricas deveriam utilizar esses dotes somente para sua casa. Uma expressão costumeiramente difundida na sociedade de “costurar para fora”, era considerada uma ofensa, não apenas para mulheres ricas, mas para as pobres também, pois era entendida como se a mulher estivesse traindo seus maridos.

Os serviços de lavar, passar e costurar eram destinados às mulheres pobres que utilizavam das margens do rio Guaribas para lavar, na qual se conduziam com trouxas pesadas na cabeça e em seus braços frágeis e necessitadas do dinheiro que ganhariam<sup>132</sup>.

Maria José teve que trabalhar nos serviços acima citados, mas esse era um ponto no qual inquietava-a: “eu via minha mãe lavando muitas roupas para fora e isso eu não queria para mim”<sup>133</sup>. A profissão de lavadeira era a que a mãe dela exercia, por necessidade, mas também por seu uma procissão que estava de acordo com os afazeres domésticos femininos. E Mazé não desejava ser dona-de-casa.

A mulher pobre ou era muitas vezes a provedora do lar, ou trabalhava para ter um dinheiro extra que complementasse a renda do marido para ajudar nas despesas da casa. Outras profissões por elas aderidas era a doceira, verdureira, leiteira, florista, mas havia um ponto negativo em essas mulheres terem essas profissões, pois as mulheres percorriam os espaços públicos para venderem seus produtos, no entanto eram fortemente abordadas pelos investidas dos galanteadores. Essa era um pouco da vida de uma moça pobre nos anos 1980, enquanto as moças de melhores condições financeiras ficavam em suas casas sendo ensinadas a ser uma esposa perfeita e prendada. As maiores exigências de moralidade em Picos recaiam sobre as moças ricas, para as pobres não tinham tanto essa cobrança, esperava-se

---

<sup>132</sup>OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. Dedicação e esmero: as professoras picoenses e o trabalho feminino nas décadas de 1940 a 1960. p.3. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351\\_ARQUIVO\\_Dedicacaoee\\_smero.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351_ARQUIVO_Dedicacaoee_smero.pdf)>. Acesso em 18 maio 2017.

<sup>133</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

delas que estivessem nas ruas desenvolvendo suas atividades para sobreviver<sup>134</sup>. Mas também que fossem mulheres honradas.

### 3.1 “A gente se reunia pelas insatisfações”: os começos da luta articulada em Picos

Apesar de cada vez mais as discussões e questionamentos sobre a normatização da vida das mulheres irem ganhando espaço, adentrando as academias, como mencionado em capítulos anteriores e, a partir dos anos sessenta os modelos se tornarem mais flexíveis, percebemos que em Picos, a sociedade ainda esperava que as mulheres seguissem padrões e modelos rígidos<sup>135</sup>. Isso inquietava diversas mulheres, entre elas, Nega Mazé, que se reuniu com um grupo de mulheres no final dos anos setenta para contestar certas normas e regras.

Nega Mazé afirma que a mulher não é apenas uma dona de casa, ela pode ter muito mais além do que esta função. Seus questionamentos começaram a surgir devido aos porquês da vida que lhes é imposta. Porque a mulher não tinha direito a nada, como segue abaixo sua fala:

Um grupo de mulheres na zona leste no junco, três ou quatro mulheres começaram a se reunir para discutir os direitos das mulheres e aí elas se reuniram em um local maior e nesse local eu recebi o convite. Eu fui representando as mulheres daqui da zona oeste (centro), aí começamos discutir que a mulher não tinha direito a nada e o que mais prejudicava a mulher era a falta de liberdade, autonomia própria, ela ainda continuava sendo um “objeto”, principalmente a mulher pobre, as ricas que tinham condições já estavam estudando se formando, mas as pobres de periferias elas casavam mesmo só sair e cuidar da casa e a violência já existia naquela época, aí a gente foi se organizando se reunindo, fizemos um congresso, criamos a UMP nos anos 80, ela (UMP) nasceu em Teresina-PI porque ela é Estadual, aí criamos um núcleo aqui em 1983 e aí fomos caminhando<sup>136</sup>.

As reuniões em que a Mazé participou começaram em 1979,

<sup>134</sup> OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. Dedicção e esmero: as professoras picoenses e o trabalho feminino nas décadas de 1940 a 1960. p.2. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351\\_ARQUIVO\\_Dedicacaoee\\_smero.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351_ARQUIVO_Dedicacaoee_smero.pdf)>. Acesso em 18 maio 2017.

<sup>135</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: \_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012; \_\_\_\_\_. A era dos modelos flexíveis. In: \_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>136</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017

As mulheres que estavam a frente eram Gertrudes, Do Carmo Monteiro a professora, Docarmo da COHAB, Ana a viúva, Bernadete, eu (Nega Mazé), Oneide Rocha, as irmãs da paróquia São Francisco, Dona Inês e Carmelina com o 2º grau e a maioria delas eram professoras, costureiras, donas de casas, com todas as classes sociais e graus de escolaridade diversificadas, porque tinha Oneide com curso superior, eu essa época era professora, do Carmo já era professora. [...] As mulheres eram mulheres da classe média, a maioria eram casadas e acredito que tiveram a mesma dificuldade que eu para entrar nessa luta [...]”<sup>137</sup>.

A dificuldade apontada por Mazé e algumas dessas mulheres também é pelo fato dela ser casada e ter responsabilidades a cumprir no seu lar e fazer o trabalho de base para o edifício familiar – educar os filhos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, dentre outras. Outra dificuldade é por serem mulheres de classe média, ou seja, já aumentava a pressão sobre seus corpos, suas ações. É preciso deixar claro que a Nega Mazé nesse momento já se considera como classe média por já trabalhar como professora – assim como outras integrantes do grupo – e ter melhores condições de vida que anos anteriores.

As mulheres estavam sentindo que algo precisava ser feito, mas o que?

A principal iniciativa era que seria preciso se reunirem para organizarem os grupos e quais as pautas. Que será respaldado pela Nega Mazé abaixo:

Comecei a reflexão com elas em 1979, com várias pautas como a falta de liberdade, que na verdade a gente se reunia pelas insatisfações, mas não tínhamos nem ideia das pautas direito, porque, a gente ainda estava descobrindo os direitos da mulher, ou melhor, a gente discutia o direito da mulher sem nem saber que tínhamos direito porque não estava regulamentado em nenhuma lei. A gente só sabia que era direito natural.<sup>138</sup>

É interessante problematizarmos a fala da entrevistada acima sobre o porquê de um grupo de mulheres se reunirem frequentemente. Percebemos que não iniciou como um grupo organizado a partir das discussões que estavam acontecendo em algumas partes do Brasil e do mundo, ou seja, por conta de movimentos de dimensões macropolíticas, mas, como um movimento micropolítico, do cotidiano, das insatisfações de todos os dias com as suas vidas de mulher. Mulheres que não

<sup>137</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

<sup>138</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

estavam satisfeitas com a privação da sua liberdade, outras que sentiam o peso de ser “rainha do lar”. Como vimos, se organizaram para unir-se nas suas angústias e pensar em possibilidades de mudanças.

Suas reuniões passaram a acontecer sem a presença masculina devido aos preconceitos que foram sendo disseminados na sociedade em torno das mulheres que faziam parte do movimento.

Reuníamos-nos bairro: Junco e Pedrinhas, como também nas escolas, nas igrejas, no salão paroquial e às vezes em algumas casas, mas era difícil. Sem presença masculina. Por que muitas vezes a reunião era escondida devido à fama dessas mulheres em querer que as outras esposas fossem libertas que nem elas<sup>139</sup>.

Ao ser interrogada sobre qual o posicionamento do seu marido e do restante da família sobre as atividades exercidas junto às companheiras do movimento, temos:

Para a luta eu saía e não sofri muito, o problema foi quando descobriram que isso era um trabalho voluntário, que não me trazia ganhos, só me trazia muito prejuízo porque eu era muito discriminada. Aqui em Picos tinha homem que não queria a mulher perto de mim porque dizia que eu era errada, que eu era liberal, dona do meu nariz, e a minha família às vezes, se metia, mas eu ia esclarecendo e comecei a ir levando o marido para algumas reuniões, os filhos, ai hoje todos entendem.

O trabalho junto o movimento, segundo a depoente, não era remunerado, fato que causava um certo receio da família, pois além de não lhe proporcionar uma renda, ainda trazia consigo a discriminação da sociedade que via como ruim a mulher questionadora e livre.

Aliás, o questionamento era a palavra de ordem nas reuniões, o que gerava estranhamento e olhares de negação a quem fizesse parte do grupo.

“Nas reuniões de reflexão que nosso grupo realizava, muitas mulheres participavam não para fazer cursos, mas sim para realizar atividades como: fazer a massagem, higiene corporal e íntima, que pode sim tocar na vagina para conhecer, ou mesmo lavar direitinho, que elas não iriam engravidar por tocar, então as próprias

---

<sup>139</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

mulheres das reuniões aplicavam e ensinavam as atividades nas moças lá presentes”, a Nega Mazé relembra um desses momentos.

Seguindo o raciocínio de Bebel Nepomuceno “gradualmente, lideranças femininas negras passaram a ocupar posições até então interdidas ao seguimento negro da população”<sup>140</sup>, a exemplo de Mazé, uma ativista negra trazendo novas mulheres para juntar-se ao movimento. E, segundo Mazé “isso se chama movimento porque não para e o papel dele é estar conscientizando e juntando mais mulheres pela mesma luta”<sup>141</sup>.

Não chamávamos propriamente de curso, mas de atividades como o conhecimento da higiene corporal, levávamos um pessoal para o reconhecimento do corpo da mulher, das doenças DST's como médicos para orientar essas mulheres e a higiene corporal para dizer como elas deviam se higienizar, exercício físico, massagem. A dona Do Carmo mesmo fazia massagem nas mulheres e era muito boa. Essa discussão do reconhecimento do corpo era muito interessante porque falava da importância dos corpos, falava da vagina, porque ensinava e ninguém sabia o que era isso. Eu me lembro que eu tinha medo de tocar na vagina porque era uma coisa sagrada que ninguém podia tocar e eu acredito que as outras mulheres pensavam assim também, por isso entendo que a gente nem fazia a higiene como devia pelo pudor da vagina, como se lá (vagina) fosse uma coisa que deveria ficar sagrada intocada, só para o homem, eu tinha essa mentalidade e acredito que as outras mulheres também achavam. Eu tiro por minha mãe, ela dizia: **minha filha o nosso corpo é sagrado de Deus**, e ela dizia isso com medo que eu ficasse uma rapariga e naquela época se a moça engravidasse ou se alguém soubesse que ela tinha transado ela saía da escola, ela era discriminada, e se obrigava a fazer programa para se sustentar. (grifo nosso)<sup>142</sup>

É indispensável problematizar alguns pontos da citação acima, de acordo com Oliveira, Georges Bataille traz em seu livro *O erotismo* que o cristianismo opera com a dualidade entre o sagrado e o profano, em que, para legitimar o sagrado, necessita-se do profano como algo ruim, pecador e distante dos ensinamentos de Jesus Cristo<sup>143</sup>. Maria era o símbolo da mulher imaculada, sem pecados e era esse o ideal que as moças deveriam seguir, de um corpo santo, livre das impurezas da

<sup>140</sup> NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, Carla B. (Org.) *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora contexto, 2012, p. 401.

<sup>141</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017

<sup>142</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017

<sup>143</sup> OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado de História do Brasil). Universidade federal do Piauí: Teresina, 2014, p. 72.

carne. Como a entrevistada acima relata, muitas mulheres nem se higienizavam corretamente por medo ou mesmo pelo pudor, pois os ensinamentos transmitidos é de que o corpo é de Cristo.

A partir da fala de Nega Mazé fica perceptível as causas dos preconceitos sofridos pelo grupo, pois a igreja ensina que o corpo é intocável, a sociedade legítima, depois surge um grupo de mulheres que pensam e disseminam o contrário – mesmo que com a ajuda de profissionais da saúde, como os médicos –, isso era considerado uma transgressão muito grande. Ensinar as moças a se tocar, higienizar-se corretamente era cair no risco de sentir prazer, o prazer do pecado. E esse pecado era o de entregar-se aos instintos carnis antes do casamento, mesmo que ao homem que seria o seu futuro marido. Percebemos, aí, o poder atuando nas mais variadas esferas, pois como afirma Foucault, “o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona e cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede”<sup>144</sup>.

Embora o movimento das mulheres em Picos não tenha tido manifestações nas ruas como afirma a Mazé, houveram reuniões na câmara dos vereadores da cidade. Mazé nos conta sobre a primeira delas:

A primeira manifestação nossa foi depois de muitos anos até reunir e ficar mulheres no movimento para tomar coragem, ai foi na câmara dos vereadores em 8 de março de 1979, nós levamos nomes de vagabundas, fomos destratadas, foi muito triste o contato, nós resistimos e ainda hoje tem a sessão solene do dia internacional da mulher. [...] no dia internacional da mulher que a gente foi para câmara com uma base de 20 a 30 mulheres de bairro de periferia. E a primeira mulher que se manifestou nessa primeira reunião foi a dona Inês da Cohab porque eles não queria nem eu e nem Gertrudes para falar. Quando fomos, não havia nenhum homem do nosso lado principalmente um vereador, e na câmara também não havia mulher, só homem, que só viram como atitude negativa, o comportamento deles era de deboche, sorrisos, ameaçavam chamar a polícia se a gente não ficasse quietas.<sup>145</sup>

Mais uma vez percebemos os preconceitos com as mulheres que lutam nos espaços públicos por visibilidade para seus direitos, os risos e deboches possivelmente eram por considerar as demandas femininas como algo menor, sem

<sup>144</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 183.

<sup>145</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

grande importância. Ser chamadas de vagabundas, como relembra Mazé, exemplifica o que estamos afirmando, o fato de que, para a sociedade, essas mulheres deveriam estar em casa, exercendo as funções que espera-se delas.

Manifestações em várias partes do Brasil estavam acontecendo desde a segunda metade do século XX e o movimento feminista contribuiu significativamente para a organização das mulheres na luta por demandas variadas, entre elas, a luta pela criação das Delegacias de Atendimento Especializado às Mulheres. Nesses anos, eram constantes as tentativas de calar as mulheres nas suas reivindicações e manifestações, considerando-as como transgressão ou até mesmo perda de tempo. Contudo, consideramos como significativo e deveras importante essas atitudes de não se deixar fraquejar pelas críticas e/ou repressões sofridas, como é o caso das mulheres do movimento em Picos, que, atraíram uma rede de benefícios para a sociedade picoense como a União das Mulheres Piauienses, núcleo de Picos (UMP), a Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM), o Grupo de Assistência às Mulheres Vítimas de Violência (GAMVV), uma clínica especializada na saúde da mulher e estão em busca de mais uma rede de enfrentamento, como é chamada por Nega Mazé, a de uma Casa-Abrigo para as mulheres que foram ameaçadas ou não tem para onde irem ao deixar seu lar.

Aos poucos, os olhares de reprovação foram se ressignificando e dando lugar ao reconhecimento de uma vida de luta, ao que se percebe na fotografia abaixo:



**Imagem 01:** Recebendo o título de cidadã picoense.

**Fonte:** Arquivo Pessoal de Maria José Alves do Nascimento

Esta imagem faz referência ao momento da cerimônia de entrega do título de cidadão picoense à Nega Mazé, visto que ela nasceu na cidade de Oeiras-PI, mas ainda jovem veio para a cidade de Picos, fixou moradia e iniciou sua luta pelos direitos das mulheres.

No tópico seguinte, discutiremos sobre as políticas sociais que o movimento das mulheres picoenses conquistou para a cidade e a importância desses atendimentos para a vida das mulheres.

### **3.2 “Só em elas terem o direito de estudar e ao trabalho”: União das Mulheres Piauienses suas conquistas**

Uma das pioneiras do movimento de mulheres em Picos foi a Nega Mazé, e por meio do uso da História Oral, este trabalho se tornou possível, pois a análise da entrevista feita com Maria José Alves do Nascimento nos permitiu contextualizar e problematizar a vida de mulheres dos anos em estudos, pois, corroborando com o pensamento de Michelle Perrot<sup>146</sup>, entendemos que invisibilidade da história das mulheres se dava por estar presa ao espaço público, mas também pela quase inexistência das fontes – quando aqui se pensa em escritos oficiais. Novos sujeitos foram possíveis de serem estudados pela abertura de novas fontes, entre elas, a História Oral em que cada sujeito é uma parte, que mesmo diferente, vai constituir um todo, ao serem ligadas<sup>147</sup>.

A UMP - núcleo de Picos é toda essa luta, ai é a organização popular, uma organização de mulher, é um compromisso que nos mulheres assumimos. Surgiu a partir das quatro (Gertrudes; Do Carmo Monteiro, a professora, Do Carmo da Cohab, Ana a viúva) mulheres que nuclearam e começaram a lutar e nós fomos nos organizando e militando até quando criamos o núcleo. Elegemos uma coordenadora, a luta vem de lá, que começou em Teresina –PI e nós criamos o núcleo aqui. A ideia foi dessas mulheres, inclusive Bernadete e outras mulheres também que não me lembro, e a dificuldade foi demais<sup>148</sup>

<sup>146</sup> PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>147</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

<sup>148</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

Os ideais do grupo eram uma liberdade maior da mulher, não só em casa, mas também no mercado de trabalho, ou em qualquer outro lugar em que desejasse estar, e por meio dessas reuniões em prol da liberdade, outros assuntos eram tratados, como saúde e violência. Para tal, algumas “atividades” eram realizadas frequentemente para tirar dúvidas das mulheres do conhecimento do próprio corpo e também das doenças sexualmente transmissíveis, levando profissionais especializados, como um médico ginecologista.

O movimento era muito discriminado justamente por tratar de todos esses tabus, contudo, essas atitudes formaram forças para que a luta não cessasse, o que fez com que permanecesse até os dias atuais, mais de três décadas depois. A união na cidade de Picos foi formada por mulheres que queriam lutar pelos seus direitos. Uma das grandes bandeiras do movimento é a autonomia, que continua até hoje.



**Imagem 02:** Logotipo da UMP – núcleo Picos-PI

**Fonte:** Arquivo da página do UMP-Picos no Facebook<sup>149</sup>

<sup>149</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/a.553723308046374.1073741831.520709631347742/560649037353801/?type=3&theater>>. Acesso em 25 jun. 2017.

Mesmo com tantos anos de luta a União ainda não possui um espaço físico próprio para suas reuniões e movimentos:

O nosso espaço específico para se reunir a gente nunca teve, e esse é um dos objetivos ainda a ser alcançados, que é uma estrutura da UMP. A UMP é velha e sua história é maior do que ela mesma, e veio se preocupando muito com as lutas e esquecendo-se da estrutura dela. A UMP não oferece serviço, nós lutamos na defesa da mulher, por políticas públicas da mulher, asseguramos o direito da mulher, nós não fazemos serviços. A UMP forneceu grande ajuda para as mulheres, só em elas terem o direito de estudar e ao trabalho elas se libertam também financeiramente, quando você se liberta tem direito ao conhecimento, você descobre que existe e que precisa cuidar de você<sup>150</sup>.

Por ser uma entidade sem fins lucrativos, a UMP-Picos não possui recursos para fornecer cursos e/ou capacitações para a população, contudo, ela atua na conscientização dos direitos das mulheres, e buscando junto ao poder público a implantação de políticas públicas para a melhoria e amparo da vida das mulheres da cidade.

O movimento não está ligado a nenhum partido político, contudo, algumas das integrantes se filiaram e lançaram candidaturas em algumas disputas eleitorais, entre elas, Nega Mazé, candidata à vereadora nos anos de 1988, 1992 e 1996; e Oneide Rocha, candidata a vereadora e à prefeita<sup>151</sup>.



**Imagem 03:** Mazé no comício apoio à candidatura de Oneide Rocha.  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria José Alves do Nascimento.

<sup>150</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

<sup>151</sup> Nega Mazé foi candidata à vereadora nos anos de 1988. Maria Oneide Fialho Rocha foi candidata à prefeita nos anos de 1996, 2000, 2002 e à vereadora no ano de 2008, não se elegendo em nenhuma delas. Fonte: JUSTIÇA eleitoral. Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br>>. Acesso em: 16 jun. 2017 embora a Mazé tenha mencionado os anos de 1992 e 1996 não há registro no TRE.

Ao que se percebe, não é recente a tentativa de mulheres ingressarem no meio político da cidade Picos, como forma de dar visibilidade às mulheres através da participação ativa na vida pública e fortalecer a luta feminina na conquista de políticas públicas na cidade de Picos, pois como afirma Nega Mazé os partidos políticos

não defendia a mulher, mas nossa intenção era inserir essa pauta no partido como também priorizar a candidatura da mulher, como até hoje lutou por essa pauta. Ele discutia as cotas para as candidatura das mulheres mas não as priorizava, você vê aqui em Picos as mulheres **nunca tiveram de fato uma motivação** para apresentar a candidatura, eles (homens), **escolhem as mulheres somente para tampar as vagas [...]** na parte da política, nós mulheres ainda estamos muito tímidas<sup>152</sup> (grifo nosso)

É interessante debatermos o trecho em destaque acima, pois apesar de em 1997 ser aprovada a Lei de Cotas de Gênero na política, a Lei Eleitoral 9504/1997 e reformulada pela Lei 12034/2010 ainda se percebe a pouca representatividade das mulheres na política, sendo inscritas muitas vezes para “preencher as cotas mínimas”:

A adoção de cotas como mecanismo catalizador da participação das mulheres na política não pode ser vista como um —instrumento salvador, pois esbarra em uma série de questões que as cotas não conseguem abranger. Isso acontece porque a dissociação histórica entre mulher e poder remete aos valores de que delimitam espaços sociais específicos para cada um dos sexos, os quais são fruto de construção cultural presente na estrutura da sociedade brasileira<sup>153</sup>

Como observa Gabriela Veras em sua pesquisa sobre a efetivação da Lei, a pouca expressividade ainda nas candidaturas se deve à estrutura centrada no patriarcado, em que os limites entre o público e o privado ainda permanecem articulados às questões de gênero, onde espaços ainda são restritos para mulheres e permanecem os valores de supremacia do homem sobre a vida da mulher.

Outro ponto interessante ressaltado por Nega Mazé é que mesmo com a entrada de mulheres no poder, ganhar a eleição muitas vezes não significava lutar por pautas femininas, pois “nem toda mulher eleita era defensora dos direitos da

<sup>152</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

<sup>153</sup> VERAS, Gabriela Galdino. *A representação feminina na política brasileira: análise sobre a efetividade da cota de gênero prevista na Lei 9.504/1997*. 2013. 51 f. Monografia (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF, p.34.

mulher, ela faz a política dos homens”<sup>154</sup>. Isso porque boa parte das eleitas não propunham demandas específicas para a melhoria na qualidade de vida das mulheres. Podemos entender que por conta do prevaecimento dos valores patriarcais na sociedade que suprimia as demandas femininas às masculinas de uma forma universal muitas mulheres aceitavam como natural as demandas universais, não necessitava de atenção diferenciada para as mulheres.



**Imagem 04:** Em participação de atividades políticas  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria José Alves do Nascimento

Motivadas por buscar representatividade em cargos de poder é que algumas mulheres do movimento subiram nos palanques e encabeçaram candidaturas para inserir o debate no meio político e também na sociedade.

---

<sup>154</sup> Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.



**Imagem 05:** Entrevista para o *Jornal Total Informativo*, 6 de junho de 2008  
**Fonte:** Maria José Alves do Nascimento)

Em matéria do *Jornal Total Informativo*<sup>155</sup> a Nêga Mazé defende que “estamos na disputa pelo poder, porque nós somos capazes de administrar o poder”. E ainda:

[...] no Brasil existe dois interesses: é o interesse de uma elite em se manter no poder e tomar conta de todos os mecanismos do poder e outro é a classe trabalhadora, que está querendo participar e defender os seus interesses que é no mínimo interesse de sobrevivência o que já é muito difícil de se conseguir [...]

Os trechos destacados da matéria são significativos para entendermos a questão da representatividade das mulheres nos espaços de poder, visto que “essa dicotomia feminina entre o acesso que estava sendo ‘conquistado’ e ‘permitido’ socialmente e o tradicional esteve presente no cotidiano de algumas mulheres”<sup>156</sup>, portanto afirmar-se no viés da política causava estranhamento e críticas. E surgindo das camadas populares, como Mazé, causava ainda mais estranheza, pois política é lugar de poder e pobre tem lugar inferiorizado nessas relações.

Mesmo não sendo eleita os projetos assistencialistas não deixaram de ser foco para as mulheres, abaixo, discutiremos as conquistas de políticas públicas já implantadas durante a trajetória do movimento e as implicações diretas na vida de mulheres picoenses na atualidade.

<sup>155</sup> JOSÉ, M. A. N. Café com entrevista. *Jornal Total Informativo*, Picos-PI, p. 4, 6 junh. 2008.

<sup>156</sup> SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *A política de salto: a participação feminina na política piauiense – 1970-1998*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2008, p. 85.

### 3.2.1 Os avanços nas Políticas Públicas a partir dos anos 2000

A resistência da UMP-Picos, como nas palavras de Mazé “é um movimento, porque não para” e desde a década de 1980 seguiu na luta por direitos, algumas vezes de forma mais tímidas, outras mais enérgicas, entretanto, não cessaram, rendendo frutos a curto e longo prazo.

Ainda na década em 1980, em todo o país começou o movimento de criação Delegacia Especializada em Atendimento às Mulheres (DEAM's). Dois fatores foram decisivos para que essas discussões fossem levantadas, a luta.

O primeiro refere-se à expansão dos movimentos feministas e de mulheres com o surgimento da chamada “segunda onda” destes movimentos no início dos anos 1970. O segundo fator refere-se ao processo, ocorrido na primeira metade dos anos 1980, de transição política do governo militar para o civil e de redemocratização do Estado, dando lugar à criação de novas instituições e leis que pudessem corresponder a um Estado de Direito democrático e ao reconhecimento dos direitos de cidadania plena para todos (as) os (as) brasileiros (as)<sup>157</sup>.

O combate à violência contra as mulheres era uma nova pauta que se acrescentava à luta feminista na qual discutimos em capítulos anteriores.

Na definição da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará), a violência contra a mulher é tida como qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1994)<sup>158</sup>.

Em Picos, as lutas pela criação da delegacia especializada em crimes contra a mulher se tornaram mais incisivas porque, segundo Mazé, as mulheres passaram a percorrer outros espaços, a questionar seu lugar social, promover mudanças em

<sup>157</sup> PASINATO, Wânia; SANTOS, Cecília MacDowell. Mapeamento das Delegacias da Mulher no Brasil. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/mapeamento-das-delegacias-da-mulher-no-brasil>>. Acesso em 29 maio 2017. p. 9.

<sup>158</sup> VASCONCELOS, Tatianne Bandeira de; NERY, Inez Sampaio Nery. A atuação das delegacias da mulher como política pública de enfrentamento à violência de gênero. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2011. *Anais...* Disponível em: <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/PODER\\_VIOLENCIA\\_E\\_POLITICAS\\_PUBLICAS/A\\_ATUACAO\\_DAS\\_DELEGACIAS\\_DA\\_MULHER\\_COMO\\_POLITICA\\_PUBLICAS\\_DE\\_ENFRENTAMENTO.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICAS/A_ATUACAO_DAS_DELEGACIAS_DA_MULHER_COMO_POLITICA_PUBLICAS_DE_ENFRENTAMENTO.pdf)>. Acesso em 29 maio 2017.

suas vidas, o que gerou boa parte da violência contra essas mulheres, a violência doméstica, partindo principalmente de seus companheiros.

Em Picos a gente trabalhava a consciência da mulher que era estudar, aí elas começavam a lutar por isso e começou a crescer o número de violência, quando a gente veio para a rua já foi para conter a violência feminina porque a mulher tinha mudado de atitude, então é uma coisa, mas recente<sup>159</sup>.

A fala da entrevistada é elucidativa das questões relativas à atuação do poder patriarcal, que, como afirma Claudia Silva em seu estudo sobre a violência contra as mulheres

a supremacia do homem, entendida também enquanto machismo tem levado muitos homens a cometerem violência contra as mulheres, referendadas, por vezes, em nome de uma masculinidade e de uma suposta garantia de honra. Mas que é, na verdade, a busca pela seguridade do poder<sup>160</sup>.

Contudo, mesmo os diálogos e disputas por meio da UMP-Picos acontecendo por muitos anos, apenas em 2008 foi implementada na cidade a DEAM. Mesmo com o atendimento iniciado, muitas mulheres tinham receio de fazer as denúncias, temiam represálias dos companheiros, o que dificultava os interesses do movimento e neutralizava a ação da delegacia.

O movimento de mulheres de Picos buscava também outros serviços de atendimento feminino, entre eles, especialidades em saúde da mulher. A Clínica Integrada de Saúde da Mulher (CLISAM) foi mais uma dessas conquistadas, funcionando com uma rede de acolhimento em todas as fases da vida da mulher, desde às adolescentes em início da atividade sexual, à mulheres gestantes e idosas.

---

<sup>159</sup>Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2016.

<sup>160</sup>SILVA, Claudia Melissa de Oliveira Guimarães. *Violência contra as mulheres: A Lei Maria da Penha e suas implicações jurídicas e sociais em Dourados-MS*. 2010. 182f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, 2010, p. 46.



**Imagem 06:** UMP- Picos visita a delegacia da mulher  
**Fonte:** Arquivo da página da UMP-Picos no Facebook<sup>161</sup>

A persistência da UMP-núcleo de Picos na luta à favor das causas femininas deu visibilidade às necessidades femininas e corroborou que o poder público municipal criasse, em 2015, a Coordenadoria dos Direitos das Mulheres em Picos, órgão vinculado à Prefeitura Municipal de Picos. Por toda a sua trajetória de luta, Maria José Alves do Nascimento, a Nega Mazé, foi empossada como coordenadora para contribuir no desenvolvimento de ações efetivas ligadas à educação, saúde, empregabilidade e segurança das mulheres.

O avanço da implantação de um espaço como esse diretamente ligado ao poder público é considerável, pois, a criação de uma rede de enfrentamento, com recursos dispensados às demandas femininas possibilita o aumento no atendimento e dá subsídios para fortalecer o enfrentamento às violências sofridas todos os dias, haja vista, o Brasil ser o 5º país que mais mata mulheres no mundo, segundo dados da Organização Mundial de Saúde<sup>162</sup>.

<sup>161</sup>Disponível em:

<[https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/ms.c.eJw1ztkNA0AIA9GOInMYQ~;~\\_NRWTJ55NGGDJkmd5IefmHa9qkLJrnAtaSnWnbg3Fus2gE9azg9hV1JhpZwzwL23v1c3ttz~\\_RZvz3i9ubdy~;~\\_9mf23ZP4FgawmtQ~---](https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/ms.c.eJw1ztkNA0AIA9GOInMYQ~;~_NRWTJ55NGGDJkmd5IefmHa9qkLJrnAtaSnWnbg3Fus2gE9azg9hV1JhpZwzwL23v1c3ttz~_RZvz3i9ubdy~;~_9mf23ZP4FgawmtQ~---)

.bps.a.553714361380602.1073741830.520709631347742/553716004713771/?type=3&theater>.

Acesso em 26 jun. 2017.

<sup>162</sup>BRASIL se destaca como 5º país que mais mata mulher no mundo. Agência Jovem de Notícias. Disponível em: <<http://www.agenciajovem.org/wp/brasil-se-destaca-como-5o-pais-que-mais-mata-mulheres-no-mundo/>>. Acesso em 29 maio 2017.



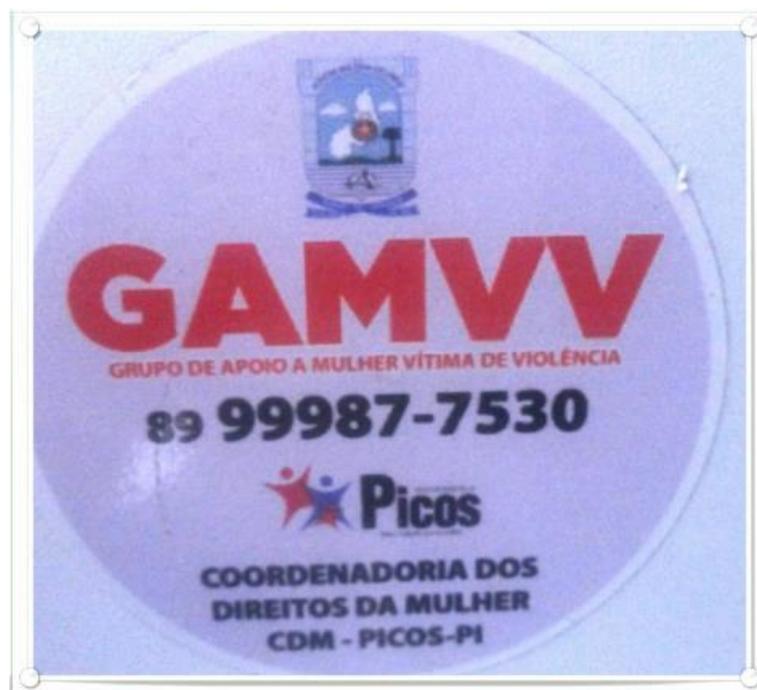
**Imagem 07:** Convite posse de Nega Mazé na CDM  
**Fonte:** Arquivo da página do Sindserm–Picos<sup>163</sup>

Sustentados por dados da Delegacia da Mulher em Picos e em estatísticas a nível estadual e nacional, a Coordenadoria dos Direitos das Mulheres em parceria com a Polícia Militar de Picos lançaram em 2016 o Grupo de Assistência às Mulheres Vítimas de Violência (GAMVV), que segundo Mazé:

É um projeto do 4º BPM que é também da rede de enfrentamento à violência porque ele é um grupo especializado e capacitado ao atendimento às mulheres em urgências. O município deu todo apoio logístico e acompanha o projeto. Os órgãos e as entidades procuram a coordenadoria para o desenvolvimento de algum projeto e eu vou ver o que o município pode ajudar e então ele aprova ou não o projeto. Um exemplo é um projeto para atender os agressores que estamos com necessidades em orientá-los, então é preciso de um local, de um carro, de um telefone e o município vai ajudar nessas questões junto com a coordenadoria para discutir as linhas gerais<sup>164</sup>.

<sup>163</sup> SINDSERM. Disponível em: <<http://sindsermpicos.blogspot.com.br/2015/07/nega-maze-toma-posse-na-coordenadoria.html>>. Acesso em 26 junh. 2017.

<sup>164</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.



**Imagem 08:** Adesivos GAMVV

**Fonte:** Arquivo Pessoal de Maria José Alves do Nascimento

A contribuição do GAMVV no apoio às violências sofridas todos os dias por mulheres é primordial e diferencial, visto que,

O serviço chega rápido e orienta a mulher e o agressor a dar o andamento nos próximos passos. Em base 70 % da população sabe da existência desse serviço como também do serviço ao qual estou disponível para essas mulheres. E esse serviço à população foi lançado em praça pública, nos jornais. A viatura está na rua com o nome e o telefone. Temos cinco mil adesivos que estão sendo distribuídas, colocadas em lugares públicos, lojas, divulgação nos bairros, mas ainda falta mais conhecimento a ser repassada à população<sup>165</sup>.

O GAMVV possui uma viatura da polícia deslocada especialmente para as denúncias de violência contra a mulher, com um número de telefone específico para esses casos. Todavia, grande parte das mulheres que sofrem violência não denunciam, ou a fazem apenas quando a situação já é extrema, por medo, por vergonha, por alimentar um sentimento de culpa. Esses fatores revelam as

---

<sup>165</sup>Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

desigualdades de gênero mediante a atuação dominante do masculino sobre o feminino sustentadas pelas relações de poder na sociedade.

Uma conquista a partir da luta dos movimentos feministas que provocou uma abertura para o debate sobre violência é a Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha que estabelece medidas de assistência e proteção às vítimas de violência doméstica e familiar. Ela contempla várias formas da violência se apresentar, desde a física – na qual a maior parte da população entende como a única – até a psicológica, sexual, patrimonial e moral. A saber:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a **violência física**, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a **violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a **violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a **violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a **violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria<sup>166</sup>. (grifo nosso)

Por tudo isso, consideramos a importância da nossa pesquisa dar visibilidade para a trajetória do movimento e da Nega Mazé, que estão diretamente ligadas e se

---

<sup>166</sup> BRASIL. *Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm)>. Acesso em 01 jun. 2017.

misturam. Apesar de diversos avanços, ainda se tem muitas bandeiras de lutas a ser enfrentadas na atualidade, apresentadas pela Mazé abaixo:

Pela criação do centro de referência da mulher, a casa abrigo, a política pública mais forte, porque agora eu estou à coordenadoria e o meu trabalho é discutir e assegurar políticas públicas junto ao poder público [...]. Terá a equipe que fará a distribuição para o setor adequado para cada mulher na rede de enfrentamento. Então, é necessário e estamos precisando desse centro de referência da mulher [...]. A casa abrigo, a estrutura e verbas para os órgãos de enfrentado na rede, a delegacia precisa ser mais bem estruturada e a oficialização da rede, porque ela só se oficializa com a casa abrigo (para mulheres que não possuem outro lugar após a separação e que são ameaçadas pelo companheiro). Como centro de referência ao apoio eles são fundamentais para a oficialização da rede de enfrentamento, que a violência doméstica está dentro dessa rede. No centro serão separados os tipos de violência, os tipos de serviços a serem dados aos frequentadores.<sup>167</sup>

A casa abrigo é outra bandeira levantada pela UMP-Picos. O desejo é de um lugar seguro, onde mulheres em situações de risco possam sentir-se seguras, enquanto as autoridades tomam as medidas necessárias com os companheiros-agressores, para que assim, elas tenham coragem de levar a denúncia até o fim, pois muitas “se arrependem” por medo ou são coagidas pelo agressor, família e/ou sociedade a retirar a queixa.

Passaremos agora a apresentar algumas das formas de conscientização da população sobre a violência feita pela UMP-Picos.

### **3.2.2 A conscientização em rede e o enfrentamento à violência contra a mulher**

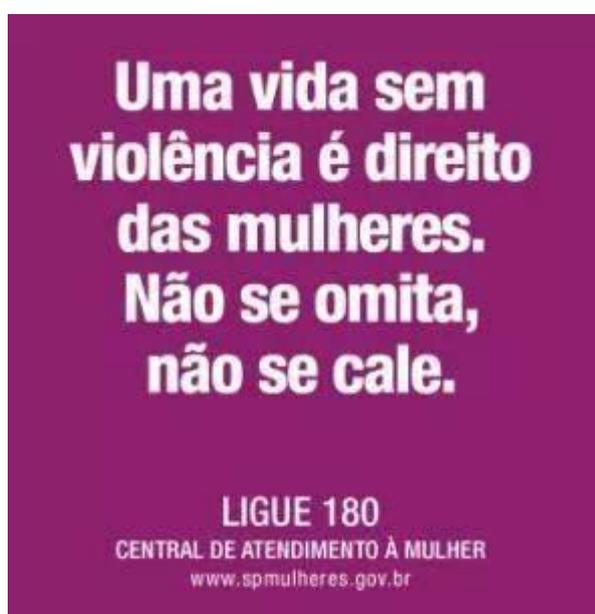
Nesse espaço, utilizaremos fontes de pesquisa que só foram possíveis com as propostas de uma Nova História. Serão apresentadas fontes digitais, encontradas na página do Facebook da UMP-Picos para mostrar ao nosso leitor outras formas de enfrentamento à violência, a conscientização em rede, através das mídias sociais.

---

<sup>167</sup>Nascimento, Maria Jose Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa Carvalho. Picos, 2017.

A UMP núcleo de Picos, buscou seu espaço na sociedade evocando todas as mulheres vítimas de maus tratos, de violência física, dominação e repressão, desde os primeiros anos de organização.

Foi através da conscientização que outras mulheres juntaram-se ao movimento ao longo das décadas e fortaleceram a corrente de enfretamento, disseminando o conhecimento necessário pelos mais variados meios: seja conversas informais, palestras, panfletos, cartazes, como também, nas mídias sociais.



**Imagem 09:** Banner sobre violência doméstica  
**Fonte:** Arquivo da página da UMP-Picos no Facebook<sup>168</sup>

O banner acima foi retirado da página do movimento na internet, e divulga não somente para as mulheres, mas para a sociedade em geral, o número de atendimento em casos de violação de direitos da mulher, o Ligue 180, como é conhecido a Central de Atendimento à Mulher. Esse serviço foi criado no ano de 2005 pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) como forma de orientar sobre direitos e serviços públicos sobre as mulher, apenas em 2014, esse número que funciona em todos os Estados do Brasil e em alguns países do mundo, transformou-se em disque-denúncia<sup>169</sup>.

---

<sup>168</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/a.553723308046374.1073741831.520709631347742/560649037353801/?type=3&theater>>. Acesso em 26 jun. 2017.

<sup>169</sup> LIGUE 180. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/ligue-180>>. Acesso em 01 jun. 2017.

A importância da central está em servir como informação sobre campanhas, orientação sobre que órgãos procurar de acordo com o direcionamento da necessidade e/ou registro de denúncia, que são encaminhadas ao Ministério Público, às Secretarias de Segurança e Corregedorias.

A proposta do movimento da UMP-PI é estar em todo e qualquer lugar em que a mulher está. Isso acaba interligando-as a outros movimentos sociais, o que gera um sistema de ajuda mútua. Alguns exemplos de movimentos em que atuam é o Movimentos das Prostitutas, o atendimento à criança, ao adolescente e à mulher em caso de violência sexual e o Movimento dos Pequenos Agricultores.

A imagem abaixo, mostra esses intercâmbios com outros movimentos e outras cidades nessa cadeia de empoderamento feminino.



**Imagem 10:** Encontro de formação política com os jovens de Itainópolis, UMP e Recid.

**Fonte:** Arquivo da página da UMP-Picos no Facebook<sup>170</sup>

Empoderamento feminino é uma palavra relativamente nova e de acordo com Cecília Sardenberg, é:

<sup>170</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/ms.c.eJw1ztkNA0AIA9GOInMYQ~;~\\_NRWTJ55NGGDJkmd5IefmHa9qkLJrnAtaSnWnbg3Fus2gE9azg9hV1JhpZwzwL23v1c3ttz~\\_RZvz3i9ubdy~;~\\_9mf23ZP4FgawmtQ~---.bps.a.553714361380602.1073741830.520709631347742/553715194713852/?type=3&theater](https://www.facebook.com/umpmulherpicos/photos/ms.c.eJw1ztkNA0AIA9GOInMYQ~;~_NRWTJ55NGGDJkmd5IefmHa9qkLJrnAtaSnWnbg3Fus2gE9azg9hV1JhpZwzwL23v1c3ttz~_RZvz3i9ubdy~;~_9mf23ZP4FgawmtQ~---.bps.a.553714361380602.1073741830.520709631347742/553715194713852/?type=3&theater)>. Acesso em 26 jun. 2017.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”<sup>171</sup>.

O controle dos corpos, embora muito discutido a partir dos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970, ainda é um tabu na sociedade. A dominação sobre o que a mulher deve vestir, como se comportar, quais lugares frequentar, mesmo no século XXI ainda é motivo de disputas. Quando se trata do exercício da sua sexualidade, as questões são ainda mais agravantes.

#### SEXO SEM CONSENTIMENTO ?



O nome disso é:

## ES.TU.PRO !

**Imagem 11:** Orientação sobre sexo sem consentimento  
**Fonte:** Arquivo da página da UMP-Picos no Facebook<sup>172</sup>

<sup>171</sup> SARDENBERG, Cecília, 2008, p. 2 apud WILLIAMS, Priscila. O empoderamento feminino e as mulheres do programa Bolsa Família. Revista Três Pontos, p. 21. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/viewFile/2658/2034>>. Acesso em 01 de jun. 2017.

<sup>172</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/263508873721610/photos/a.263542507051580.60715.263508873721610/560123550726806/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

O banner acima, divulga práticas, infelizmente, ainda muito comuns dentro da nossa sociedade, sobretudo dentro dos relacionamentos entre casais, pois, qualquer forma de sexo forçado, seja ele entre namorados ou pessoas casadas, ou pessoas que não possuem vínculos amorosos configura como estupro. Onde houver sexo em que uma das partes não queira, a prática é considerada um estupro.

Na sociedade patriarcal, dissemina-se que ao estar em um relacionamento, a mulher passa a ser propriedade do marido, por isso, informações como esta trazidas acima pelo UMP-Picos, são indispensáveis para o combate à dominação sobre os corpos das mulheres.

A conscientização através das mídias sociais não são apenas sobre questões de violência, mas também à necessidade de cuidar da saúde.



**Imagem 12:** Saúde da Mulher

**Fonte:** Arquivo da página da UMP-Picos no Facebook<sup>173</sup>

Entendemos que

o corpo não é um objeto, mas um agente. É um organismo biológico que percebe, se movimenta, responde e transforma o ambiente. Seus diversos sistemas trabalham de forma coordenada o que possibilita a manifestação de seus atributos, a visão das imagens, a

<sup>173</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/260097330739728/photos/a.471201519629307.1073741829.260097330739728/471201536295972/?type=3&theater>>. Acesso em 26 jun. 2017.

expressão dos sentimentos, e as formas de pensamento. É o corpo que vive e experimenta, enquanto que a vida social e as relações de intersubjetividade coordenam a experiência. As pessoas são capazes de ser quem são em função da sua capacidade intersubjetiva de comunicar os significados compartilhados<sup>174</sup>.

O corpo transforma e é transformado pela cultura em que se vive, por isso, é necessário atenção especial no cuidado com o corpo e a saúde da mulher que passa por grandes transformações internas e externas ao longo da sua vida.

A luta nesses mais de trinta anos de fundação da UMP-Picos é constante, que se iniciou em questionamentos sobre a liberdade, insatisfações nos papéis dentro da casa, no espaço privado, e foi abrindo as lentes para questões como corpo, saúde, trabalho, consciência política.

Percebemos que a UMP-Picos, embora não tenha nascido sob a afirmação de um movimento feminista – visto que ainda hoje o termo sofre preconceitos –, as lutas e enfrentamentos se direcionaram para bandeiras levantadas pelos feminismos ao longo das décadas.

---

<sup>174</sup> GUALDA, Dulce Maria Rosa; et. al. O corpo e a saúde da mulher. *Revista Esc. Enferm – USP*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe2/a30v43s2.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho observou-se a dificuldade que a mulher brasileira enfrentou e ainda enfrenta quando o assunto é a garantia de seus direitos, a mulher trabalhar, estudar, usar uma roupa curta ou até mesmo decidir se deseja ou não ter um filho são coisas que podem parecer até comuns e cotidianas, mas que são um resultado de uma luta incessante de mulheres fortes, que enfrentaram todo tipo de preconceito para conseguir o seu lugar ao sol. Para libertar-se das amarras sociais e fazerem o que quiserem com suas vidas.

Analisar essas transformações no papel da mulher por meio da história da União das Mulheres Piauiense-núcleo Picos e as vivências e experiências de Nega Mazé, nos leva a perceber o poder de luta que nós, mulheres temos, e que muitas vezes está adormecido por ouvir da sociedade que somos “sexo frágil”.

A organização de mulheres insatisfeitas com suas vidas lá nos idos de 1970 foi um grande passo para chegarmos onde estamos hoje, nas universidades, nas empresas, nas ruas, nos bares, nas casas, dentro de nós mesmas, ou nesta pesquisa de conclusão de curso.

Em 2017, ainda existem muitas pessoas que se opõem a essa luta, que defendem o controle dos corpos e da vida das mulheres. normatizar essas mulheres e seus corpos. Todavia, é com mulheres como Nega Mazé, na singela e pequena cidade interiorana de Picos-PI que o País está mudando, foi por meio desta e de outras lutas que a mulher deixa de ser submissa para se tornar ativa, deixa de ser proibida de votar para se tornar presidente. E é com mulheres assim, que a luta vai adiante para mudar a realidade da sociedade opressora e conquistar mais e mais direitos.

E principalmente, é pelo estudo de mulheres como ela, que podemos despertar o interesse de outras, e também problematizar a história de luta e conquistas para reescrever uma nova história das mulheres.

Percebemos que a sobrevivência e fortalecimento a cada dia mais na atualidade do movimento em Picos se dá por ainda vivermos em um país profundamente machista, em que as raízes do patriarcado ainda são a base da sociedade e que o Brasil aparece ainda como um dos países com maior número de feminicídios.

Este trabalho pretendeu dar visibilidade à trajetória de um movimento e uma mulher que lutam à décadas para que esses casos diminuam e cheguem ao fim. Por isso, entendemos que esta é uma luta que ainda não terminou.

## FONTES

### Fonte Oral

NASCIMENTO, Maria José Alves do. Depoimento concedido a Stéfane Feitosa de Carvalho. Picos, 2017.

### Fonte Hemerográfica

*Jornal Total Informativo*. Picos, 2008.

### Fonte Digital

SINDSERM. Disponível em: <<http://sindsermpicos.blogspot.com.br/2015/07/nega-maze-toma-posse-na-coordenadoria.html>>. Acesso em 26 jun. 2017.

UMP-Picos Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/umpmulherpicos/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A gente é cria de frases: sobre história e biografia. Maracanan, Rio de Janeiro, jan-dez. 2012.

ALGRANTI, L. M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRASIL. *Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em 01 jun. 2017.

BRASIL se destaca como 5º país que mais mata mulher no mundo. Agência Jovem de Notícias. Disponível em: <<http://www.agenciajovem.org/wp/brasil-se-destaca-como-5o-pais-que-mais-mata-mulheres-no-mundo/>>. Acesso em 29 maio 2017.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória das estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

\_\_\_\_\_. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. Set. a Dez. 2012 V. 9, ano IX, n. 3, ISSN: 1807-

6971. Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO\\_3\\_SECAO\\_LIVRE\\_ELIZANGELA\\_BARBOSA\\_CARDOSO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/ARTIGO_3_SECAO_LIVRE_ELIZANGELA_BARBOSA_CARDOSO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf)>. Acesso em 20 maio 2017.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). 2009. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez, 2009. p. 01-29.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 217-235.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber [1976]*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GUALDA, Dulce Maria Rosa; et. al. O corpo e a saúde da mulher. *Revista Esc. Enferm – USP*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe2/a30v43s2.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JOSÉ, M. A. N. Café com entrevista. *Jornal Total Informativo*, Picos-PI, p. 4, 6 junh. 2008.

JUSTIÇA eleitoral. Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

LIGUE 180. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/ligue-180>>. Acesso em 01 jun. 2017.

LIMA, Olívia Candeia Rocha. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875 - 1950*. 2007. Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2007.

LUZ, Maria Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. 2016. 77f. Monografia (Licenciatura em História) - UFPI, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAIA, Cláudia Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. (Tese de doutorado).

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. *Razão e Utopia: Thompson e a História*. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História Social, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, Carla B. (Org.) *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Editora contexto, 2012, p. 397.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso de gênero na psicologia social. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*, 2001. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discu%20rso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>>. Último acesso em 23 abr. 2015.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Amélia multifacetata: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado de História do Brasil). Universidade federal do Piauí: Teresina, 2014.

\_\_\_\_\_. História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960. VI SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2012, Teresina. Anais... p. 9. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Karla%20ingrid%20Pinheiro%20de%20Oliveira%20&%20Francisco%20de%20Assis%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf>>. Acesso em 16 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Dedicaco e esmero: as professoras picoenses e o trabalho feminino nas décadas de 1940 a 1960. Disponível em: <[http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351\\_ARQUIVO\\_Dedicacaoeesmero.pdf](http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397499351_ARQUIVO_Dedicacaoeesmero.pdf)>. Acesso em 18 maio 2017.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens* – 2 ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2006. (p. 11 – 34).

PASINATO, Wânia; SANTOS, Cecília MacDowell. Mapeamento das Delegacias da Mulher no Brasil. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/mapeamento-das-delegacias-da-mulher-no-brasil>>. Acesso em 29 maio 2017. p. 9.

PEDRO, Joana Maria Pedro. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; \_\_\_\_\_ (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v.24, n.1, 2005, p.77-98.

PEREIRA, Luciana de Lima. A Igreja Católica “em tempos mundanos”: a luta pela construo da neocristandade em Teresina (1948-1960). 242f. Dissertao (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2008.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Traduo Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros [1976]*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: \_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012;

\_\_\_\_\_. A era dos modelos flexíveis. In: \_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, pp. 15-23, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>>. Acesso em 20 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundao Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v.5, n.10. Rio de Janeiro, Vértice, 1992.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo. v.11. pp.89-98. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>>. Acesso em: 16 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. Labrys, *Estudos Feministas*, número 3, janeiro/ julho 2003.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578-606.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875 - 1950*. 2007. Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2007.

SANTOS, Cecília MacDowell. Da delegacia da Mulher à Lei Maria da Penha. Absorção/tradução de demandas feministas pelo Estado. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº89, 2010, p. 153-170.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v.15, n.2. jul/dez,1990.

SILVA, Claudia Melissa de Oliveira Guimarães. *Violência contra as mulheres: A Lei Maria da Penha e suas implicações jurídicas e sociais em Dourados-MS*. 2010. 182f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, 2010, p. 46.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In:PINSKY, Carla Bassanezy & PEDRO, Joana Maria (Org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300 – 2007.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. Entre a casa e a rua: mudanças no cotidiano feminino em Teresina na década de 1970. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

\_\_\_\_\_. *A política de salto: a participação feminina na política piauiense – 1970-1998*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2008.

VASCONCELOS, Tatianne Bandeira de; NERY, Inez Sampaio Nery. A atuação das delegacias da mulher como política pública de enfrentamento à violência de gênero. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2011. *Anais...* Disponível em: <  
[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/PODER\\_VIOLENCIA\\_E\\_POLITICAS\\_PUBLICAS/A\\_ATUACAO\\_DAS\\_DELEGACIAS\\_DA\\_MULHER\\_COMO\\_POLITICA\\_PUBLICAS\\_DE\\_ENFRENTAMENTO.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICAS/A_ATUACAO_DAS_DELEGACIAS_DA_MULHER_COMO_POLITICA_PUBLICAS_DE_ENFRENTAMENTO.pdf)>.  
Acesso em 29 maio 2017.

VERAS, Gabriela Galdino. *A representação feminina na política brasileira: análise sobre a efetividade da cota de gênero prevista na Lei 9.504/1997*. 2013. 51 f. Monografia (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF, p.34.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Stefane Freitas Carvalho Bispo,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Mulheres em luta: Negra, negra e a União das  
Mulheres Piauienses - núcleo de Picos (1983-2017)  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Agosto de 2017.

Stefane Freitas Carvalho Bispo

Assinatura

Stefane Freitas Carvalho Bispo

Assinatura